

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1833

TOMO 94 — VOL. 148

(1923)

Hoc facit, ut longos durant bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão



* * * RIO DE JANEIRO
IMPrensa NACIONAL * 1927

ORGANIZING

10-10-68

RODOLPHO GARCIA

GLOSSARIO

DAS

PALAVRAS E PHRASES DA LINGUA TUPI, CONTIDAS
NA "HISTOIRE DE LA MISSION DES PÈRES CAPUCINS EN L'ISLE
DE MARAGNAN ET TERRES CIRCONVOISINES".
DO PADRE CLAUDE D'ABBÉVILLE

Extraído de volume digitalizado pelo IHGB.
Disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú:
http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1927_glossario

015-2203

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 58TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



EXPLICAÇÃO PRÉVIA

Os vocabulos barbaros contidos nos escriptos dos antigos viajantes e chronistas alienigenas, de referencia ao Brasil, obedecem a fórmas graphicas diversas, de accordo com a organização glosfica de cada escriptor. Assim, quem se propuzer á tarefa de identifica-los deve ter em conta, além dos naturaes e inevitaveis erros de imprensa ou de cópia, que muitas vezes os alteram profundamente, as peculiaridades idiomaticas de quem os traçou.

Entre Hans Staden e Anthony Knivet, um allemão, outro inglez, a differença de graphia para as mesmas palavras brasílicas é enorme; emquanto que, entre os francezes, como Thevet, Léry, Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, ha de notar-se relativa homogeneidade. Mesmo assim, existe discordancia de escripta em seus respectivos livros. Um exemplo, se fosse necessario para illustrar o caso, teriamos no conhecido vocabulo *ybyrapitanga*, nome tupi da *Casalpinia echinata*, ou páu brasil, que para Thevet é *oraboutan*, para Léry *araboutan*, para d'Abbeville *ouira-pouitan*, e para d'Evreux *ybouira-pouitan*. Observar-se-á por ahi que a differença de graphia entre os dois primeiros escriptores não é mais sensivel do que a que ocorre entre as dos dois ultimos; mas considere-se que estes foram compartes na missão maranhense, sendo o livro de um complemento do livro do outro, além de que ambos tiveram uma fonte commum de informações,

provadamente em Des Vaux e em David Migan, com os quaes se acharam na sua chamada França Equinocial. A demais, Thevet e Léry referem-se a tribus do Sul, ao passo que d'Abbeville e d'Evreux se reportam ás do Norte; em seus escriptos, portanto, é natural que prevaleçam certas influencias dialectaes, que se denunciavam não só no vocabulo proposto como em muitos outros.

O thema levar-nos-ia além dos limites que se concedem a uma singela introdução; devemos, por isso, restringir essas observações á relação do Padre Claude d'Abbeville, á qual particularmente se refere o glossario a seguir.

O capuchinho francez, como os seus compatriotas que trataram do Brasil nos dois primeiros seculos da conquista, imprimiu aos vocabulos lupis que transcreveu fórma puramente franceza, ou afrancezada, algumas vezes arbitrária e caprichosa. A tarefa da restauração graphica desses vocabulos é relativamente facil, se prestarmos attenção á equivalencia dos sons entre elles e seus correspondentes no lupi dos catechistas ibericos.

Temos assim: *cu, ci, u, ouyh*, em d'Abbeville, valendo por *i* ou *y* em nosso lupi; *au, oi* *cu ou*, e *ou*, correspondendo do mesmo modo e respectivamente a *ou, oa* e *u*; os demais sons não apresentam differenças sensíveis.

Conhecendo-se a correspondencia phonetica, facil é estabelecer a equivalencia entre os respectivos themas. Assim, vemos em nosso autor: *ouā* por *guā* ou *uā*, prefixo; *oui* ou *ouy* por *gui*, prefixo; *ap* ou *aue* (*ave*) por *aba*, suffixo; *ouāssou* ou *oussou*, por *açú, quaçú* ou *uçú*, suffixo augmentativo; *miry* e *y*, por *mirim*, *i* ou *im*, suffixo diminutivo; *eté* por *etê*, suffixo de superioridade; *ran* por *rana*, suffixo de similitude; *eum* por *euma*, suffixo de negação; *peue* (*peve*) e *pem*, por *péba* e *pema*, chato, plano; *catou* por *catú*, bom; *éen* por *eém*, doce; *rup* por *róba*, amargo, amargoso; *teuue* (*teuve*), por *tiba*, suffixo que exprime abundancia ou frequencia de alguma cousa, correspondente ao latim *etum* e ao portuguez *al*, e que apparece em muitos nomes geographicos, exprimindo o *ubi*; *endauc* (*endave*), por *endába*, logar, sitio, pousa, etc.

Os qualificativos de côr, como vêm transcriptos em nosso autor, pouca alteração apresentam; temos ali: *piran*, *pouytan* ou *poytan* (este uma só vez, quiçá por erro de imprensa), por *piranga* ou *pitanga*, vermelho; *tin* por *tinga*, branco; *iou*, *you*, *ioup*, ou *iouue* (*iouve*), por *yi*, *jú* ou *júba*, amarello; *aubouyh* ou *aubouih*, por *oby*, azul ou verde; *on* por *ún* ou *úna*, negro; *pinim* ou *pynim* por *pinima*, pintado, pontuado, salpicado de pontos.

O metaplasmo *mb* não existe no escripto do nosso autor: os vocabulos que o deveriam conter ora se apresentam com *b*, ora com *m*. O mesmo com relação a *nd*, que ora leva uma, ora outra letra. A articulação *b* occorre frequentemente mudada em *v* (*u*), e ás vezes em *p*; o *l* vale por *r* muito brando; o *c*, chiante, vem como *ch*; o grupo *nh* é geralmente substituído por *gn*; o *e* mudo final sóa como *a*; o *p* inicial, quando vem precedido de gamma nasal, muda-se em *m*; etc.

Como era vulgar na typographia antiga, a letra *u* está quasi sempre por *v* no meio das palavras, e vice-versa quando é inicial.

Vistas, summariamente, as principaes particulas que concorrem para a constituição dos vocabulos recolhidos pelo nosso autor, comparando-as com as equivalentes no tupi, tal como foi elaborado por portuguezes e espanhões, consideremos agora os proprios vocabulos, para o que devemos destacar cada uma das classes em que se acham naturalmente divididos.

Em primeiro logar temos os nomes da Historia Natural, que se apresentam em maior numero do que os outros, não só pela quantidade de plantas e animaes que o autor enumerou e descreveu, como tambem porque todas ou quasi todas as alcunhas de indios, que consignou, são nomes dessa especie, conforme ao costume generalizado de assim se appellidarem os povos naturaes. Em geral, essa classe de nomes não offerece maior difficuldade de identificação: são quasi todos explicaveis pelos radicacs da lingua, salvo um ou outro que haja caído em desuso.

Quanto ás denominações de vegetaes predomina o thema *ybyrá* e suas corruptellas, significando páu, arvore, o qual toma as fórmas *ouyra* ou *ouira* e *ouã*; occorrem tambem *cad* sob as fórmas *caa* e *ca*, planta, herva, mato; *yba* por *vuc*, arvore; *yba* por *vuã*, fructo; *oba* por *ôve* ou *ôue*, folha.

Nos nomes de aves o thema *guirá* apparece como *ouyra*; *ard*, dos Psittacidas, como *ara*; *urú*, dos gallinaeos em geral, como *ourou*.

Nos nomes de peixes, os themas *pird* e *acard*, ou *card*, para designar respectivamente os individuos de pelle, ou couro, e os de escama, soffrem apenas a suppressão do signal diacritico.

Baptista Caetano de Almeida (*Apontamentos sobre o Abaíeenga*, nos Ensaio de Sciencia, II, ps. 109), observa que as denominações de peixes dadas por Léry não vêm no *Tesoro* de Montoya, mas concordam com as que Piso, Gabriel Soares e outros consignaram. Note-se, como faz o sabio americanista, que no Paraguay os peixes d'agua doce que havia e ha, differem essencialmente dos peixes maritimos; d'ahi a ausencia de nomes para designar estes no vocabulario do jesuita castellano. A restricção, é bem de ver, reporta-se tão sómente a essa ordem de nomes, porque, quanto aos outros, raros serão os que o *Tesoro* deixe de mencionar, o que é demonstração evidente da communidade de idéas entre os povos da grande familia tupi do Norte e do Sul.

Ainda com relação aos nomes de animaes, occorrem em nosso autor: *arou* por *arú* ou *guarú*, sapo; *boy* por *mbói*, cobra; *berou* ou *merou* por *mbcrú*, mosca; *eyre* por *eira* ou *ira*, abelha; *oussa* por *uçá*, caranguejo; *ussa* por *icá*, formiga; *so* por *çod*, animal em geral, o bicho, a caça, etc.

Os nomes geographicos abundam em nosso autor. São elles, de quantos tratou, os menos accessiveis ás tentativas de interpretação e restauração graphica. A razão disto é obvia, se attendermos a que a maior parte das aldeias e povoados que existiram ao tempo da ephimera occupação franceza do Maranhão não logrou a fixidez necessaria para que sobrevivessem suas denominações.

O jesuita João Felipe Bettendorf (*Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão* (Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo LXXII, p. I, pgs. 10-13), que não conheceu a relação de d'Abbeville senão através da reprodução que Johannes de Laet fez da descripção do Maranhão, confessa de raso não saber dar a verdadeira expressão áquelles nomes, taes como foram escriptos e ficaram impressos. Das vinte e sete aldeias da ilha, que o capuchinho mencionou, um terço, quando muito,

logrou interpretação habil por parte do jesuita, aliás emerito sabedor da lingua dos indios e na posse completa do local, onde residiu diuturnamente menos de um seculo depois.

As desinencias para os nomes dessa especie são quasi sempre *teuue* (*teuve*) por *tiba*, e *enda* ou *endaue* (*endave*) por *enddba*, que já vimos acima.

Muitos são os nomes de instrumentos, utensilios e adornos que o autor registou, grande parte ainda existente, incorporada ao lexico luso-brasileiro, ou recolhida aos vocabularios tupis. São elles bastante variados, dada a complexidade dos objectos que designam; ainda assim, podem ser identificados sem maiores embaraços.

Os nomes nacionaes, aliás em numero limitado, tambem não apresentam difficuldades. Salvo alguma designação de tribu desaparecida, que não tenha, como acontece geralmente, graphia accôrde nos documentos coetaneos, quasi todos são reconheciveis através da transcripção do autor. Dos nomes proprios dos individuos occupámo-nos ao tratar dos nomes de plantas e animaes, aos quaes, pelo motivo ali indicado, se devem juntar esses outros.

Por ultimo, temos os nomes de astros, que nos revelam as interessantes noções que da Astronomia tinham os nossos indios. Nenhum outro chronista antigo do Brasil se occupou desse assumpto com mais especificação e desenvolvimento. Yves d'Evreux deu um succinto capitulo sobre o Sol e os astros, mas não lhes declarou os nomes barbaros. Seu companheiro de missão versou largamente a materia e descreveu cerca de trinta estrellas e planetas, cujas denominações na lingua indigena consignou e fez acompanhar dos signaes mais característicos, de modo a facilitar-nos a identificação de alguns delles.

Varios dos nomes mencionados pelo nosso autor são de importação caraíba e outras, como *aioupaue*, *canot*, *carbet*, *cassaue*, *maís*, etc.; fá-lo-emos observar nos logares competentes.

Nem sempre nos foi possível explicar etymologicamente algum vocabulo; nesse caso preferimos manifestar a difficuldade a aventurar hypotheses, ou a "escarafunchar etymologias", na phrase consagrada do mestre.

Por incitamento do preclaro dr. Capistrano de Abreu, o historiador e ethnographo que tanto lustre imprime ás letras patrias, foi que emprehendi e levei a cabo este despretencioso trabalho; dedicando-o, pois, ao mestre e amigo, rendo-lhe aqui as homenagens do meu reconhecimento profundo e justa admiração.

Rio, em 25 de Maio de 1919.





PRINCIPAES OBRAS CONSULTADAS

MONTROYA (ANTONIO RUIZ DE): Tesoro de la lengua Gvarani.
Compuesto por el Padre... — Madrid, 1639.

MONTROYA (ANTONIO RUIZ DE): Arte, y Vocabulario de la Lengua
Gvarani. Compuesto por el Padre... — Madrid, 1640.

BAPTISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA: Vocabulario das
palavras guaranis usadas pelo traductor da "Conquista
Espiritual", in Annaes da Bibliotheca Nacional, vol. vii.
— Rio de Janeiro, 1879.

MARTIUS: Glossaria Linguarum Brasiliensium. — Erlangen,
1863.

PLATZMANN: O Diccionario Anonymo da Lingua Geral do
Brasil, publicado de novo com o seu reverso. — Leipzig,
1896.

GONÇALVES DIAS: Diccionario da Lingua Tupi. — Lipsia, 1859.

FERREIRA FRANÇA: Chrestomathia da Lingua Brasilica. —
Leipzig, 1859.

ANCHIETA: Arte de Grammatica da lingua mais usada na
Costa do Brasil. (Ed. facsimiliaria de Platzmann.) —
Leipzig, 1876.

FIGUEIRA: Arte de Grammatica da Lingua Brasilica (2ª ed.)
— Lisboa, 1687.

THEODORO SAMPAIO: O tupi na Geographia Nacional (2ª ed.).
— S. Paulo, 1914.

GABRIEL SOARES DE SOUSA: Tratado Descriptivo do Brasil em
1587. — Rio de Janeiro, 1851.

PISO ET MARCORAY: Historia Naturalis Brasiliae. — Amster-
dam, 1648.





I

GLOSSARIO

A

ACAIA (fl. 223) arbre... fort grand. — *Acajá* ou *Cajá*, Anacardiaceae (*Spondias brasiliensis*, Mart.). — De *acá* caroço, *yá* fructo: fructo de caroço.

ACAIOU (fl. 217) fruit de l'*Acaïouyer*... arbre ordinairement plus gros & plus grand que les grâds Pommiers & Poyriers que nous ayons. — *Cajú* e *Cajueiro*, nomes do fructo e da arvore da familia das Anacardiaceas, que especificam: *eté* verdadeiro, *piranga* vermelho, *açú* grande, *i* e *mirim* pequeno, *eém* doce, etc. — De *acá* caroço; *y-ú*b que dá, que tem, allusão á castanha; outros querem que seja *cad* folha, *planta*, e *jú* amarello; mas note-se que nos escriptos antigos apparece sempre *acajú* ou *acayú*.

ACAIOU-GAOUIN (fl. 218) vin de *acaiou*. — *Cajú-cauim*, com a significação do texto.

ACAIYOUY (fl. 99 v.) nom d'un Indien. — *Acajui*. — De *acajú* (Vide *acaiou*) e i pequeno. — O Padre Luis Figueira, na *Relação do Maranhão* (*Documentos para a Historia do Brasil*, publicados pelo Barão de Studart, vol. I, Fortaleza, 1904) refere-se a um Principal por nome *Acajui*, que com os seus havia fugido aos portuguezes.

ACAIYOUY-MIRY (fl. 99 v.) nom d'un Indien. — (Vide *Acaiouy*); *mirim* pequeno. O nome é diminutivo, exprimindo pequenino.

ACAN-ASSOYÂUE (fl. 273 v.) bonnets... avec lesquels ils se couvrent la teste ès jours de leurs solemnités. — *Acan-açoiaba*, de *acã* cabeça, *açoiaba* coberta. — Marcgrav *acan-buaçaba*. (Vide *Assoyâue*).

ACANGAOP (fl. 273 v.) bonnets... avec lesquels ils se couvrent la teste ès jours de leurs solemnités. — *Acangadóba*, de *acang* cabeça, *adóba* roupa; chapéo, touca, capuz. (Vide *Acan-assoyâue*).

ACARA (fl. 247) poisson. — *Acará* ou *Cará*, peixe fluvial (*Cichlidas*), que especificam: *acú* grande, *péba* chalo, *pitanga* de côr vermelha, *juba* de côr amarella, *pururú* roncador? — De *acará* escamoso, cascudo, que tal é a feição do peixe.

AGOUTI (fl. 96 v.) espece d'animal. — *Cutiá*, roedor (*Dasyprocta aguti*, Linn.) — Foi Thevet, nas *Singularitez*, quem primeiro descreveu esse animal, que chamou *Agoutin*. — Talvez, conforme Baptista Caetano, de a gente, *cur-ti* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras. — Nas republicas platinas prevaleceu a fôrma *Aguti* ou *Acuti*.

AGOUTYTRÉUA (fl. 219 v.) arbre. — Talvez *Aguti-yba* arvore da *cutia*, o roedor.

AIOUÁCARA (fl. 274) collier de plumes. — Não se encontra no *Tesoro* dicção que com esta se pareça; mas a definição

do texto pôde levar a *ajur*, e como *acará* também comporta o significado de pennacho, não será estúpido formar *ajuracará* pennacho do pescoço, collar de pennas.

AIGUAPUES (fl. 63 v.) petites cabanes. So esta graphia reconhece-se facilmente *ajoupa*, como ocorre no lexico francez.—Rocheport (*Histoire Naturelle et Morale des Iles Antilles de l'Amérique*, Rotterdam, 1658, pag. 522), lhe attribue origem caraíba, significando "un appenty, un couvert, ou un auvent". Litré consigna *ajoupa*, sem indicar procedencia; mas cita duas passagens da novella *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre, onde o termo apparece. — Paul Gaffarel (*Etymologies Américaines*, Dijon, 1899, pag. 38) aceita o étymo de Rocheport, accrescentando: "... ce fut d'abord le sobriquet sous lequel les insulaires des Antilles désignèrent les capucins..." — No tupi existe o equivalente *teyupáb*, de onde provém *te-jupá* rancho, pouse, de *teyu* do povo, da gentilha, e *upáb* sítio, conforme Baptista Caetano. — No contacto das duas linguas, qual seria a primitiva possuidora do termo não é facil dizer.

AIOTOU-OUASSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand Perroquet. — *Ajurá-açu*. (Vide *Iurue*).

AKANGÉTAR (fl. 274) fronteaux... les portent autour de la tete en forme de diademe. — *Acanqatira*, de *acanga* cabeça, *tira* ornato; pennacho. — Também occorre *canitir*.

AKETEUCE (fl. 181 v.) village... la place des poissons. — Será *Aquetiba*, indecifrável quanto ao primeiro elemento; *tiba* pôde significar o logar, sítio, o *ubi*; mas exprime communmente abundancia ou frequencia de alguma cousa que o thema designa.

AMA-YUE (fl. 220) arbre... semblable au figuer en ses feuilles & en ses fruits. — *Ambayba*, *Embaúba*, ou *Imbaúba* (*Cecropia*). — De *amba* óco, *yba* ou *úba* arvore.

AMBOUA-OUASSOU (fl. 185) Principal... c'est le nom d'une espèce de cenille, & longue environ d'un pied. — *Emboá*, um Myriapodo; de *a-mbo-á* ente que faz rodilha, conforme Sampaio; *guaçu* grande.

AMOCO (fl. 251 v.) espécie d'animal. — *Mocó* roedor (*Kerodon rupestris*, Wied). — De *mo-coó* bicho que rói, animal roedor, conforme Sampaio.

AMONYIOU (fl. 226 v.) arbre où croist le cotton. — *Amaniyú*, nome antigo das Malvaceas do genero *Gossipium*, substituido pelo de Algodão. — De *amandy* rolo, pelotão, e *y-úb* que dá, que tem, conforme Baptista Caetano.

AMYIOU (fl. 224 v.) arbre... grüd comme le Pommier... son fruit est comme les plus grosses pommes... — *Abiu*, uma Sapotacea (*Lucuma caimito* [Ruiz e Pavon] Roem. e Schultb.). — De *yá* fructo, *apyu* do pelle molle; deu-se a queda do primeiro elemento.

ANANAS (fl. 227 v.) plante... c'est un fruit tres bon et tres-excellent à manger, ie n'en ay jamais veu en France qui approche de sa bonté et beauté. — *Anands*, uma Bromeliacea (*Ananassa sativa*, Lindl.). — Foi Léry quem primeiro o descreveu; Thevet, na *Cosmographie Universelle*, pouco se afastou de Léry; Piso e Marcgrav tambem o descreveram. — O vegetal tem larga distribuição geographica neste continente, abrangendo a America do Sul; mas sua patria de origem é incerta. — Se o nome fôr tupi, pôde ser explicado por *a* fructo, *ndnd* connexo, conjunto; ou por *ndnd*, frequentativo, modificado de *nd*, cheira-cheira, rescedente, conforme Baptista Caetano.

ANDREURA (fl. 240) chauve souris. — *Andirá*, nome commum aos Chiropteros do genero *Phyllostoma*, no tupi. — Difficil de explicar; mas o thema *andyi* significa temeroso, pavoroso, que espanta; *ra* será um suffixo para exprimir o todo, o que faz medo ou pavor?

ANGAYUAR (fl. 106) c'est à dire magre. — *Angdiguar*, magro, desfeito, consumido. — Em guarani empregam a forma *angdibar*.

AOUËRA OUSEA (fl. 248) cancre. — *Grauçá*, caranguejo branco das praias. — De *quára* buraco, cóva, e *uçá* caranguejo: caranguejo de buraco ou cóva.

AOUËY (fl. 274 v.) sorte de iartieres... faictes de fils de Cotton retors longs d'un doigt, ayant autour de certains fruicts attachez gros comme noix, lesquels ont l'escorce fort dure lors qu'ils sont secs, et estant tout vuides, ils mettent dedans des petites pierres ou des poix forts durs en sorte qu'elles font un bruit lors qu'ils dansent comme si c'estoient des sonnelles. — *Aguai*. — Marcgrav (*Hist. Iterum Nat. Brasilie*, pags. 271), diz: "Ex fructus *Aguay*, qui triangularis est, corticibus, quos filo annectunt, etiam monilia faciunt, quæ cruribus infra suras circumligant, qui cortices inter saltandum sonum quendam edunt." No *Tesoro* vem *Aguai* fructa amarella, e tanibem cascavel, ou guizo. — Difficil de explicar: *água* redondo, torneado, e i, pospositiva, em, no, na, etc., em redondo, em torneado?

AOUËYEUZE (fl. 188) village... c'est à dire l'arbre dans l'eauê. — *Guayba*, de *gua* enseada, *yba* arvore: arvore de enseada, e não arvore n'agua, como diz o texto. — Ignoramos a que vegetal esta dicção se reporta.

APOUYCAUE (fl. 308 v.) petit escalbeau. *Apycaba* banco, assento, de *apy* sentar-se, *apycab*, participio, lugar, modo de sentar-se.

ARA (fl. 234) perroquet. — *Ara*, nome dos Psittacidas dos generos *Ara* e *Anodorhynchus*. — Foi Americo Vespucci quem, em sua primeira carta a Soderini, assignalou o nome; Léry descreveu a ave. — Alguns dão como onomatopaeico, mas Baptista Caetano nota que *ara* exprime dia, luz, aurora.

ARACOUAN (fl. 236 v.) oyseau. — *Aracuan*. Gracilhas (*Ortalis squamata*, Less.). — De *ará*, alteração de *quirá* passaro, e *aquá* ligeiro, rapido, veloz.

ARACOUTS (fl. 189) Indiens. — Será *Aruaquis* ou *Aroaquis*, tribu que se extendia desde o rio Catumã até o rio Negro. No mappa do P. Fritz (1707) vem assignalado, nas proximidades da margem esquerda do Amazonas, abaixo da confluencia do rio Negro.

ARAGNAN (fl. 212 v.) oyseau. — Talvez *Jaganã*, papidas (*Parra jacana*, Linn.). De *y-acá-ná* o que forte grita. Ha outras explicações.

ARAMASSA (fl. 245 v.) poisson. — *Aramaçá*, preixe do mar (*Pleuronectes aramaca*, Cuv. et Val.). — *Solha* ou *Linguado*. do. — Gabriel Soares traz *Uramaçá*. — Difficil de explicar.

ARAOUXOUÁ (fl. 245 v.) poisson. — *Aragoagouay*, em Gabriel Soares; *Aragoagoo*, em Maregrav. — Peixe do mar (*Pristis antiquorum*, Lath.). — O nome indigena desapareceu: *Peixe serra* é como se chama hoje. — Difficil de explicar.

ARARAA (fl. 255 v.) fourmi. — *Arará*, o cupim sexual (*Termita*). — De *ará-rá* nascidas do dia, ou da luz, porque emergem á luz nos dias de sol, após as chuvas.

ARARAU (fl. 186 v.) Principal... c'est à dire la petite Crabe. — *Guarai*, de *guará* (Vide *Anãra Oussa*) e *i* pequeno.

ARARENDA (fl. 80 v.) grand village. — Laet copiou *Ira-Endane*; mas na *Chronica* de Bettendorf, que seguiu Laet, está *Hirahendaba*, que aquelle corrigiu para *Iraendaba*. Deste modo pôde-se suppôr *ira* abelha, mel, e *endaba* lugar, sitio, pouso; lugar de abelhas.

ARASA (fl. 225) arbre... son fruit... est des plus excellents qui se puisse desirer. — *Araçá*, nome generico de diversas especies de *Psidium*. — De *ára-açá* estação, época, al-

lusão ao facto do apparecimento do fructo em tempo certo, conforme Baptista Caetano.

ARAROUSOUAY (fl. 182 v.) nom d'un Principal... qui signifie la queue d'un Ara, oiseau rouge meslé de diverses couleurs. — Será *Aracobai*, de *ara*, quod vide, e *cobai* cauda, rabo, de accordo com a definição do texto.

ARASARY (fl. 238) oiseau. — *Aracari*, nome generico dos pequenos Rhamphastidas, ou tucanos. — Dado como onomatopico.

ARASOUY-IEUUE (fl. 182 v.) village... c'est à dire le bel oiseau nommé Arasouy. Será *Araçaritiba*, de *aracari* (vide o quo precede), e *tiba* pouso, lugar, ou abundancia, frequencia; *ieuue*, no texto, está por *teuue*, como apparece em outras dicções.

ARATICOU (fl. 217 v.) arbre. — *Araticu* ou *Araticum* (*Anonaceae*). Conforme Baptista Caetano, de *a-raty-cui* cuja ou vaso de bagaco, ou sabugo de fructas.

ARATOR (fl. 248) canere. — *Aratá*, crustaceo brachyuro (*Aratus pisoni*, M. Edw.). — De *ara-tá* tombar de cima, cáe do alto, do costume desse crustaceo de trepar no tronco das arvores, á medida que sóhe a maré, e deixar-se cair de cima, dentro d'agua, á primeira ameaça de perigo. (Cf. Theodoro Sampaio — *Denominações geographicas indigenas em torno da Bahia de Todos os Santos*, in *Annaes do 5º Congresso de Geographia*, vol. II, pag. 148. — Bahia, 1906). — Póde ser tambem alteração de *quaiá* caranguejo, *tu* estrepitante, alludindo ao rumor que fazem.

AROUZEPE (fl. 187) village... c'est à dire la place de Crapeaux. *Aruppe*, de *arú* sapo, y *agua*, e *pe*, pospositiva, em, no: n'agua ou no rio dos sapos.

AROMABA (fl. 239) oiseau. — *Arumará*, Icteridas (*Ampelis chupi*, Vieill.) — Difficil de explicar.

AROUYPÉ (fl. 188) village... c'est à dire l'estang d'eau. — *Arouyc*. (Vide *Arouleupe*).

ASSOYÁUE (fl. 274) manteaux... tissus de divers plumages. — *Açoyába*, especie de turbante feito de pennas, usado nas solemnidades. — De *açoi* cobrir, encobrir, e *aba*, suffixo do participio, que exprime o modo de cobrir, a cobertura, o manto. Em Marcgrav está *aracoya* ornatum.

ATERABÉBÉ (fl. 292 v.) sorte de guarniture faicte de plusieurs sortes de plumages entreliez et accommodez fort ioliment. *Atirabebe* e *latirabebe* em Marcgrav. Póde ser *atirá* topele, *bébé* que vóa, voador; *atirá*, no *Tesoro*, significa topele, propriamente cabelo levantado de pessoa e aves.

ATY (fl. 241 v.) oyseau. — *Ati*, Laridas (*Larus cirrhocephalus*, Vieill.) — Occorre em Gabriel Soares *Aty*. — De *a* cabeça, *ti* branca, esbranquiçada, amarello côr de palha, como se traduz o nome especifico.

AUAPAAM (fl. 183 v.) nom d'un Principal... signifiait l'homme qui ne scait passer. — *Abapai*, de *abá* homem, *pai* atolado, exprimido, no meio, ou entre alguma cousa.

AUARAY (fl. 131) nom d'un Indien. — Talvez *Abuçay*, de *abá* homem, *çay* que espreita. — Era o nome de um genio malefico que perseguia os indios, enlouquecendo-os ou tornando-os possessos. Nas *Peregrinações* de Knivet está *Avasaty*.

AUATYY (fl. 207) May. — *Abati*, de *aba* cabelo, e *ti* branco, alludindo aos filamentos esbranquiçados que envolvem a espiga, por baixo da palha, o milho (*Zea mais*, Linn.).

AUATY-ON (fl. 182 v.) nom d'un village... c'est à dire le mil noir. — *Abati-una*, de *atati* (Vide o precedente) e *una* negro, de côr preta.

AUENONBOUÏH ACAIOU (fl. 223 v.) arbre... haut comme le pommier.— Deve estar alterado o nome desse vegetal; talvez seja *Guanandi*, uma *Cutifera* (*Calophyllum brasiliense*, St.-Hil.), de qua por *yha* a árvore, *nhandi*, azeite, oleo; *acaïou* ou *cajú* não tem aqui explicação.

B

BEÏOU (fl. 255) mouche.— Vide *Merou*.

BOHURE (fl. 275 v.) ornements des femmes Indiennes.— Será *mboy* ou *pay* contas, caroços, fructinhas redondas, enfiada, rosario, missanga, etc.— Reporta-se a *mbóí* cobra.

BOHUREAPAR (fl. 188 v.) Principal... qui signifie la rassade crochue.— Será *mboy* ou *pay* (Vide o que precede), e *apar* torta, loreida, vergada.

BOUCAN (fl. 294) espece de gril de bois... lequel est fait de quatre fourches, grosses comme la jambe, fichées en terre en quarré ou en long, sur lesquelles ils posent deux perches, mettant plusieurs bastons par le travers assez proches les uns des autres.— *Moquem*, de *mbocáí* o que faz secar ou assar, a grelha, como o texto descreve, onde a fogo lento assavam a carne dos inimigos, a caça ou o peixe.— Littré attribue a *boucan* procedencia caraíba, mas note-se que Rochefort consigna *youta* "gril de bois, qui d'autres Sauvages appellent *boucan*." Léry encontrou a palavra no Brasil, do mesmo modo que Hans Staden, que a transcreveu *mockaetn*, mais approximado de *moquem*. A lingua franceza assimilou o vocabulo tupi em *boucan*, *boucaner*, *boucanier*, etc.

BOUCANNÉ (fl. 96 v.) c'est à dire rosti. (Vide *boucan*).

BOUCANNER (fl. 294) rosti. (Vide *boucan*).

BOUROUÏCHAUKE (fl. 58) ainsi appellent ils le Roy, et ses Lieutenants Generaux.— *Morubichába*. No *Tesoro* vem *Mbu-*

rubichá, que se compõe de pó continens, y *tubichá* grande, el que contiene en si grandeza, Principe, Señor.— Ha outras explicações.

ROY-ÉRE (fl. 253) serpent. — *Mbói-êrê* cobra verdadeira, legítima.

BOY (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire la petite couleuvre. *Mbói-i* cobra pequena, como se traduz no texto.

C

CAGOCURE (fl. 186 v.) village... qui signifie l'ombre des arbres. — *Caiquirá*, de *cái* mallo, *quir* parte inferior; a espessura, o debaixo das arvores, a sombra das arvores, como o texto explica.

CAMBOURY QUASSOU (fl. 244 v.) poisson. — *Camuri* ou *Camurim*, peixe do mar (*Oryzias undecimalis*, Bl.) — E' de conhecido com o qualificativo *guará*. No Rio de Janeiro ao *Camurim* chamam *Roballo*.

CAMOUROUPOY (fl. 244) poisson. — *Camurupi* ou *Camurupim*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.) — E' o *Pirapema* do litoral paraense; Abbeville dá os dois nomes para o mesmo peixe. — Difficil de explicar.

CAMOUSU (fl. 56) riviere. — *Camocim*, no Ceará. — De *cambú-chi* vaso d'agua, pote, cantaro, tina.

CANOHEURÉ (fl. 256) gros fourmi noir. — *Tucanguira* ou *Tucandira*. (*Dinoponera grandis*, Guérin). Sampaio explica por contracção de *tucaba-nguir*, exprimindo a acção de ferir por baixo, isto é, o que fere com a parte inferior, allusão ao ferrão. — Segundo Marius, *Glossaria*, "hoc insecto utuntur Indi Maulé ut juvenes eius morsu cruciatos fortitudinem doceant."

CANINÉ (fl. 234) Perroquet. — *Caniné*, Psittacidas (*Ara ararauna*, Linn.). — Segundo Baptista Caetano, talvez contração de *arara-caninde* arara muito relinta. Note-se que esse clyma melhor conviria ao *Anodorhynchus hyacinthinus*, Lath., de um azul uniforme tão carregado que poderia parecer relinto ou negro aos primitivos denominadores, ao passo que o *Ara ararauna*, Linn., é de cor azul por cima e amarella por baixo. Note-se ainda que o nome indígena daquella é *Arara-sina* ou Arára negra.

CANOT (fl. 180) petit bateau. — *Canôa*. No texto não se define. Foi dos primeiros termos americanos que se infiltrou no lexico dos conquistadores. Colombo, na relação de sua primeira viagem (Navarrete, *Colección*, I, pag. 225) e Vespucci, na carta a Soderini (*Vespucci Reprints*, II, pag. 10), bem como os demais historiadores do descobrimento, occuparam-se desse rudimentar processo de navegação dos habitantes das terras novamente achadas. — Littré attribue ao vocabulo origem germanica, por inadvertência, porquanto é incontestavel que provinha da lingua do Haiti, como quer Oviedo, *Hist. General y Natural de las Indias* (Madrid, 1851), I, pag. 170.

CANOVA-MIRY (fl. 185) nom d'un Principal... c'est à dire la petite teinture. — *Candú-mirim*. (Vide *Canoua-quassou*).

CANOVA-QUASSOU (fl. 184 v.) nom d'un Principal... qui signifie la teinture. — *Candú-quagú*, de *candú*, que se compõe de *cad* mato, e *uá* caule, talo, grelo, e significa lino colorido das arvores; *quagú* grande.

CAOUARE (fl. 188) nom d'un Principal... qui signifie le buveur de vin. — *Cau-úara*, de *caú*, por *caim* vinho, *úara* ou *guara* bebedor, como no texto.

CAOUTIN (fl. 261) vin ou festin. — *Cauim*, de *ucayú* (Vide *Acaïou*) e *y* liquido, bebida, vinho. *Cauim* era uma sorda fermentada de cajú, que bebião por occasião das festas;

por extensão passou posteriormente a designar a bebida fermentada de milho mastigado. — O vocabulo, significando ora vinho, ora o festim, tem larga distribuição na America do Sul; mas é incontestavelmente de origem tupi.

CAOUIN AGOURÉ (fl. 186 v.) nom d'un Principal... c'est à dire la moitié du vin. — *Caouim* (Vide *caouin*) e *agur* metade.

CAOUINNÉ (fl. 268) — Vide *caouin*.

CAOUP (fl. 220) arbre. — *Caúba*? — Difficil de identificar: não se trata de certa Leguminosa desse nome, pertencente ao genero *Bauhinia*, que vegeta no Sul.

CAPYUARE (fl. 248 v.) espece d'animaux... assez semblables aux Loups Marins ayant la queue fort petite, lesquels ne se trouve aussi qu'és fleuves et rivières. — *Capivara*, roedor (*Hydrochoerus capybara*, Erxl.) — De *capyt* capim, herva, *guara*, participio do verbo *á* comer: o que come capim, o herbivoro.

CARA (fl. 229 v.) racine. — *Cará*, nome commum a diversas especies de Dioscoreas. Segundo Maregrav, o nome que lhe davam os portuguezes era *Inhame de S. Thomé*; seria essa talvez a especie hoje conhecida em Pernambuco por *Inhame da Costa*. — De *acará* cascudo, escamoso, com perda do *a* inicial, nome que tambem se applica a peixes d'agua doce (*Cichlidas*).

CARACOU (fl. 230) boisson. — *Caracú*, que vem no *Tesoro* com a significação de vinho de raizes, como de batatas e mandioca. — Difficil de explicar.

CARAMEMO (fl. 283) panier... faict de feuilles des Palmes. — *Caramingui*. — Léry e Y. d'Evreux grapharam o vocabulo como C. d'Abbeville; Maregrav traz *caramemoa*, e no *Tesoro* vem *caramengui*, que Baptista Caetano explica por *caramé* em redondo, e *guá* seio. — *Caramingui* ainda chamam os sertanejos nortistas ao sacco ou alforge da

matalotagem, e os rio-grandenses do Sul, por natural extensão do termo, que pluralizam, aos cacaréos, badulaques, cousas de pouco valor, que cada um traz consigo em viagem.

CARAMOUROU (fl. 246) poisson... assez semblable à l'Anguille.

—*Caramurú*, a moréa, peixe do mar da familia Muracnidas. Foi o appellido de Diogo Alvares Corrêa entre os Tupinambás da Bahia; seu neto Belchior Dias Moreya, o famoso descobridor das minas de Itabayana, trasladou para o portuguez a alcunha avoenga. — A phantasia dos primeiros chronistas traduziu o nome como *dragão saído do mar*, ou *homem de fogo*, com fundamento em lendario episodio a que se attribue o salvamento de Diogo Alvares das mãos dos selvagens, quando por naufragio deu ás costas da Bahia; mas, por esse facto mesmo, pôde-se supôr *caray*, o branco, o europeu, e *murú* molhado, o naufrago, como alvitra Sampalo.

CARANA-VUE (fl. 221 v.) palmier. *Carnaúba*, *Carnakyba* ou *Carandá*, nomes regionaes da mesma especie (*Copernicia cerifera*, Mart.) — Conforme Baptista Caetano, de *carã*, que pôde significar casca ou escamas, que lhe cobrem o tronco, ou circular, das folhas em loque; mas parece preferivel de *carã*, que tambem significa bica, calha, cano, pelo prestimo que lhe davam; *yba* ou *úba* arvore. — E' tambem o nome de uma aldeia (fl. 184 v.) e de uma estrella (fl. 319 v.).

CARAUÁTA-GUÁRE (fl. 184 v.) Principal... le mangeur de *Carauáta*. Será *Carauátá-guára* comedor de *carauátá*, como o texto interpreta. — O francez que accusou Hans Staden de ser portuguez e inimigo, chamava-se entre os indios de São Vicente *Karwattware*, conforme a graphia do narrador. (Vide *Karouáta*).

CARAYE (fl. 324) prophete. — *Caraíba*. — Esse vocabulo largamente espalhado no continente é um dos problemas

sem solução na linguística americana. Seu radical encontra-se em quasi todas as linguas da America do Sul; sua significação mais geral é de astuto, habil, sabio, entendido, superior, santo, etc. No tupi significa tambem o branco, o que é baptisado, o europeu, ou o civilizado, instruido, accepção que no neengatú ainda comporta o vocabulo *carina*.

CARBET (fl. 57 v. *et passim*). O autor não define este termo, mas de suas palavras infere-se que seria o logar das reuniões publicas, o "parlamento" dos indios. O vocabulo ocorre nas relações de todos os viajantes americanos. Rochefort dá como termo caraíba, significando casa publica. Liltzé regista-o, sem indicar procedencia, como casa grande dos selvagens das Antilhas. Será mesmo importação caraíba, mas considerado o largo uso que dessa palavra fizeram Léry, Hans Staden e outros, tratando dos Tupinambás, não é descabida a hypothese de procedencia tupi por *acáca* = *ocár*, participio de *ag*: o que cobre ou tapa, a cerca, o cercado, o pateo, e *pe*, locativa, mudada em *be* por serem articulações labiaes succedaneas, exprimindo o todo — na cerca, no pateo, onde de facto se realizavam as reuniões, o *carbet*. — Essa hypothese sugere-me o mestre Dr. Capistrano de Abreu, com fundamento nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, dial. v, onde ocorre a palavra *carpe*, como casa redonda levantada no meio das aldeias, aonde os indios se reuniam quando tinham de determinar qualquer guerra.

CARNAÚPIO (fl. 117) village. (Vide *Carnaúpiop*).

CARNAÚPIOP (fl. 182 v.) village... qui signifie un arbre nommé *Carnaú* avec les feuilles seiches. Bettendorf escreveu *Carnaúpió*. — Talvez *Carnaúpió*, de *carnaúba* (Vide *Carana-rue*) e *pió* raiz: raiz da *Carnaúba*, e não as folhas secas, como está no texto. — Com o nome de *Carnaúpió* existe ainda uma villa no Maranhão.

CAROUËTAPIRAN (fl. 158 v.) nom d'un Indien. — *Carauatá-piranga*, carauatá vermelho. (Vide *Karouãta*).

CASSAVE (fl. 305) espece de tourteaux. — *Cassave*, que Oviedo (*Hist. General y Natural de las Indias*) deserreve como "unas tortas grandes que hacen de Yuca", accrescentando que "este es el pan ordinario desta (isla Española) é otras muchas islas, asi de las que estan por conquistar, como en las que estan pobladas de christianos". — E' voz das Antilhas, conhecida desde os primeiros tempos do descobrimento. Americo Vesputci, em sua primeira carta a Soderini, já trata do *Cazabi*. Piso escreveu *Cassavi*.

CAY (fl. 252 v.) espece de monne. — *Cai*, nome generico dos pequenos Cebidas, que especificam: *acá* grande, *mirim* pequeno, *ũa* negro; (fl. 318 v.) constellation de plusieurs Estoilles disposées au Ciel en façon d'une Monne ou d'un Ouranon. — De *cai* envergonhado ou vergonhoso, acanhado, medroso.

CAYÊUCUE (fl. 188) Principal... qui est le fruit d'un arbre ainsi nommé. — *Cajayba*, *Cajazeira*, *Anacardiæva* (*Spondias brasiliensis*, Mart.) — De *acayá* (Vide *Acaia*), e *yba* arvore.

CAYETÉ (fl. 188 v.) nom de lieu; (fl. 259 v.) qui veut dire la grande forest. — *Cyeté*, o mato virgem, silva primigenia. — De *cã* mato, *etê* verdadeiro, legitimo: o mato por excellencia. — E' o territorio onde está situada a cidade de Bragança.

CAYMAN (fl. 305) farine... ils prennent les racines toutes entieres & les font tremper deux ou trois jours dedans l'eau, puis les ayant fait seicher au soleil deviennent toutes blanches et fort tendres. — *Carimã*, massa da mandioca, fubá. — Hans Staden escreveu *Keirima*; Nieuhoff *Kaurima*; Y. d'Evreux *Cariman*. — Difficil de explicar plausivelmente.

CAY-OUASSOU (fl. 186 v.) Principal... qui signifie la grande Monne. (Vide Cay).

CAYOUËEN (fl. 224) arbre. — *Cajú-cém*. (Vide Acaïou).

CHOUË (fl. 233) oiseau de proie. — Será *Cauã* ou *Acauã*. Falconidas. (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.) — Segundo Baptista Caetano, de *acá* decidido, resoluto, e um suffixo, dizendo "briguento".

COENIOU (fl. 249 v.) Porc-Espi... comme nos Sangliers & ont leurs Espi & aiguillons longs pour le moins d'un pied, les uns plus grand, les autres plus petits, marquez de blanc et de noir, estans gros à proportion et merueilleusement pointus. — *Cuandú*, o ruedor (*Cercolabes prehensibilis*, Linn.) — Difficil de explicar; conforme Baptista Caetano, póde reportar-se a *quandú*, sendo *quá* reciproco de *há* pello, e *tu*, quer radical de *mbotu*, quer alterado de *ti* branco.

COMAROU-MIRY (fl. 226) arbre. — *Cumarú-mirim*. (Vide Comarou Ouássou).

COMAROU-OUÁSSOU (fl. 236) arbre. — Será *Cumarú-açu*; mas note-se que na nomenclatura botanica vulgar actual o designativo *açu*, bem como *mirim*, não se conhece. *Cumarú* é uma Leguminosa Dalbergia (*Dipteryx odorata*, [Aubl.] Willd.) em cujo nome talvez entre o thema *cumá* fructo de vagem; o elemento *rú* é difficil de explicar plausivelmente.

COMMA (fl. 157 v.) nom de lieu; (fl. 187 v.) signifiant la place pour pescher le poisson. — *Cumá*, talvez alterado de *cumá* fuligem. — Da explicação do texto duvidou com razão Ferdinand Denis (*Notes critiques et historiques sur le voyage du P. Yves d'Evreux*). — *Cumá* é o nome de uma Apocyncea e outras plantas lacteentes.

COMMANDA (fl. 229) sont febues... *Cumandá*, de *cumã* fructo de vagem, *etá* muito. — Especifica-se: *açu* grande, *mirim* pequeno. — Uma especie de feijão.

CONOMY MANYMÉRE OUXNÉ (fl. 318 v.) Estaille ronde fort grosse et tres-luisante... c'est à dire le petit garçon qui mange du potage de Manipoy. — *Curumim-manipucera-guára* menino manipuêra que come, ou menino que come manipuêra, que é accôrde com a definição do texto.

CONRONRON-OUËSSOU (fl. 185 v.) Principal... c'est à dire le grand ronfleur. — *Conronron* é nome onomatopaico, como se deduz do texto; *guacú* grande.

COPOUH ALOUP (fl. 222 v.) arbre. — *Cupituba*, Anacardiacea (*Spondias* spec.). Difficil de explicar.

COPOUH OUXSSOU (fl. 222 v.) arbre. Será *Cupuçú*, Sterculacea. (*Theobroma grandiflorum*, Schum.) — O radical *cupu* ou *cupi* não tem plausivel explicação.

CORAS OUXSSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand *Cola*. — Parece ser *cora* ou *cold*, corruptella do portuguez curral, e *guacú* grande.

COTIOËA (fl. 78) petite montagne... au haut de laquelle il y avoit sept ou huit villages d'Indiens. — Quiza *Cotiba*, de *có* *taça*, e *tiba* *logar*, pouso, ou exprimindo abundancia, frequencia.

COUËTY (fl. 251) especie d'animal. — *Quati*, carniceiro (*Nasua narica*, Linn.) — De *aqua* *ponta*, *ti* *nariz*: *nariz* de *ponta* ou *nariz* *pontudo*.

CODUËK ETUM (fl. 290) c'est à dire poltron et lasche de courage. — *Codubeyma*, de *codub*, *saber*, *entender*, *conhecer*, e *cyma*, *posposição* negativa: *sem* *saber*, *sem* *entender*, o *imbecil*, o *tolo*, e *não* o *falto* de *coragem*, o *poltrão*, conforme a interpretação do texto.

COUNAN OU'ASSOU TENNE (fl. 365) nom d'une Indienne... c'est à dire la grande femme pour rien. — *Cunkã-guaçã-tenhê* mulher grande debalde, em vão, ou para nada, como diz o texto.

COUOU-COUOUP (fl. 235 v.) perroquet. — *Cuiú-cuiú*, Psittacidae — *Pionopsitta pileata*, Scop. — Devo ser onomatopaico. — É o *Tui-maitáca* do Sul, também chamado *Maitáca da cabeça vermelha*.

COUREMAN OU'ASSOU (fl. 244 v.) poisson... qui est tout semblable au Mulet. — *Curenã-arã*. — *Curenã* é um dos nomes da Tainha (*Mugil curema*, Cuv. et Val.). — De *quiri* tenro, *bac*, suffixo, exprimindo o que é tenro, ou delicado, de referencia á carne do peixe.

COURIMATA (fl. 246 v.) poisson. *Corumbatã* ou *Curumatã*, peixe d'agua doce, do genero *Prochilodus*. — De *quiri-mbatã*, significando talvez muito tenro, ou muito vermelho, como convém ao peixe salmão.

COUROUOU (fl. 253 v.) crapeau. — *Cururã*, o batrácio, nome por que se conhecem duas especies: *Ceratophrys dorsatus*, Neuw. (Brasil Oriental), e *Pipa cururu*, Spix (Amazonas). — Alguns dão como onomatopaico; Baptista Caetano traz *curã-rã* que tem ou faz sarna, pela creença de que o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa, produz erupção cutanea.

COUY (fl. 272) espece de vaisseau fait de la moitié d'un fruit. — *Cuia*, vasilha feita da metade do fructo da *Coccoloba cujete*, Linn. — O etymo desta palavra é duvidoso: segundo Baptista Caetano „*Notas aos Indios do Brasil*, do Fernão Cardim), tanto pode reportar-se ao verbo *cui* tragar, como a *u* comer, exprimindo em geral vaso da comida.

COUY-LEUP (fl. 188) village... qui signifie la courge accommodée. — *Cuiyba* (Vide *Coyieup*).

COYEUP (fl. 137) nom de lieu; (fl. 184) c'est à dire une courge qui sert de vaisselle. — Laet reproduziu *Coyenp*, mas na *Chronica* de Bettendorf, que copiou aquelle autor, está *Coynep*, corregida para *Coynpé*. — Em Gabriel Soares vem *Cuiyba*, que é *Cuiayba*, arvore de cuia, ou *Cuicira* (*Crescentia cujete*, Linn.).

CRUSNA (fl. 318) constellation de quatre Estoilles fort luisants... c'est à dire Croix. — *Curuçá*, no tupi; *Curuzá*, no guarani; alteração do vocabulo portuguez e espanhol *cruz*. — É a constellação do Cruzeiro do Sul, que se designava com o nome de *Cruz*, antigamente.

E

Ecoxin (fl. 291) sauve toy. — *Canhéme* está nos dictionarios tupis com o significado de fugir, desaparecer; o imperativo *e-canhém* foga tu!

Enépouich (fl. 291 v.) venge la mort, ou selon la vraye signification du mot prens le pource. — O verbo *jepyca* vingar; *e-jepyca*, imperativo, vinga tu!

E Iouca (fl. 172 v.) qu'on la tue. — O verbo *jucá* malar; *e-jucá*, imperativo, mata tu!

EUÁ (fl. 283) courges... dont ils se servent pour aller à l'eau. — *Yá*. — No *Tesoro*, alem de outras accepções, tem a de cabaça, vasilha, o que nos reporta a *y* agua, á recebe, conforme com o destino que lhe attribue o texto.

EUÁPAR (fl. 153) village... c'est à dire l'eauë crochuë (fl. 183). — Deve ser *Yupár*. Bettendorf leu em Laet *Huapar*; mas na edição franceza daquelle autor está *Euapar*. — De *y* agua, rio, e *apár* torto.

EUÁYUE (fl. 153) village... c'est à dire la vieille eauë ou l'eau trouble (fl. 182 v.) — Laet escreveu *Huayne*, como leu Bettendorf; na edição franceza daquelle autor está

Euayne.—E' boa a etymologia do texto, de *y* agua, *du* suja, turva.

EUCATOU (fl. 184 v.) village... c'est à dire la bonne eau. — *Icatú.*—Bettendorf leu em Laet *Uaucatan*; *Eucaton* está na edição franceza.—A etymologia do texto é correcta: *Icatú*, um dos poucos toponymos remanescentes na Geographia maranhense, deriva seu nome de *y* agua, *catú* boa.

EUGARE LÉ QUITAUE (fl. 187) village... c'est à dire le lieu, où on tire les canots. — Deve haver erro de escripta. Conforme ao texto, seria *Ygára-upába*, de *ygára* canôa, e *upába* pouso, estância; o porto.

EURUUAIA (fl. 234 v.) perroquet. No *Tesoro* occorre *Iribayá*, papagaio pequeno, que não lográmos identificar nem explicar. — Tambem se escreve *Aribayá*.

EUSSAUAP (fl. 137) nom de lieu; (fl. 184) c'est à dire le lieu où on mange les Crabes. — Bettendorf leu em Laet *Onça* ou *Cap*, que suppoz ser *Onçaquaba* ou *Oçaguapé*; mas, tanto na edição franceza, como na latina daquelle autor, o que se lê é *Eussa-ouap*. Na *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará*, do Padre José de Moraes, está *Uçágoába*, que com melhor orthophia é *Uçaguába*, composto de *uçá*, nome generico do caranguejo, o *guába*, participio de *ú* comer: o em que, ou onde se come caranguejos, conforme com a definição do texto.—A aldeia de *Uçaguába* é a actual Vinhaes.

EUUAC (fl. 316 v.) le Ciel.—*Ybac*, de *yb* alto ou para cima, *bay* ou *bac* virado.

EUUAIOUÄNTIN (fl. 185) Principal... qui signifie un fruit picquant. — A primeira parte do vocabulo, *Euuai*, pôde ser *ybai*, de *yba* fructo, *di* azedo, acre, picante, como no texto se traduz; a segunda, porém, é indecifrável, se bem que em outras dicções *äntin* esteja por *ti* ou *tinga* branco.

EUCAUIRAP (fl. 220) arbore. — *Guabirába*, Myrtacea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.). — De *ybá* fructo, *pi-ráb* pelle fere: fructo caustico, ou cuja pelle fere.

EUUE (fl. 182) arbore... avec laquelle (racine) ils enyvrent les poissons. — *Imbê*, Aroidea in margine rivorum, *Philodendron* et aliae, segundo Martius (*Glossaria*).

EYRE (fl. 255) miel dans les creux des arbres. — *Eira*, ou *fra*, que tambem significa abelha. — De *é-ir* doce sáe, ou doce desfaz-se, conforme Baptista Caetano. No tupi é mais vulgar a fôrma *fra*.

EYRE APOUA (fl. 319) grande Estolle fort brillante... c'est à dire le miel rond. — *Eirapuam*, *irapuam*, *trapud* ou *arapud*, são nomes tupis para uma mesma abelha que nidifica ao alto das arvores, em fôrma de uma bóla de meio metro de diametro, mais ou menos, e que pertence á familia das Meliponidas (*Trigona ruficrus*, Latr.). — De *cira* ou *fra* mel, *apuam* redondo, o que é conforme com o texto.

EYRE-OUUE (fl. 255) abeille. Será *ira-úba* pae das abelhas, ou pae do mel, a abelha mestra.

F

FERNAMBURG (fl. 76 v., et passim) nom de lieu. — *Pernambuco*. — A graphia do autor, como a de seu confrade d'Evreux, induz a hypothese de que o vocabulo se derive de *Fernam* (Fernand) e *bourg* cidade, castello, povoação; entretanto, a palavra é genuinamente tupi e desde cêdo apparece mais ou menos alterada nas cartas geographicas e nas relações dos viajantes. Seu étymo é por demais conhecido: *pará-ná* semelhante ao mar, e *puca*, gerundio supino do verbo *pug* rebentar, arrombar, furar, etc., exprimindo o todo o rombo ou furo do lagamar, em allusão ao estuario formado pela confluencia dos rios Capibaribe

e Beberibe, que na cidade do Recife se lançam ao mar. — O nome designa ainda semelhantes accidentes topographicos no percurso da costa do Norte, que é ladeado dos recifes naturaes, onde ha passagens de aguas.

G

GNAAN (fl. 276) ornements des petits enfans indiens. — Será *nhad*, que não vem no *Tesoro* nem alhures. — Quicá voz infantil, onomatopaica.

GNAËIOUUE (fl. 283 v.) chaudron. — Será *nhaénjuba*, que não se encontra nos dictionarios.

GNAËPEPO (fl. 283 v.) marmite. — *Nhaémpepô* está nos dictionarios com a significação de panella, melhor vaso de ferver.

GNAËPOUËON (fl. 319 v.) constellation en forme d'une poelle ronde. — *Nhaém* alguidar, *apuan* redondo.

GNAËSSIN (fl. 283 v.) marmite. — *Nhaém* tem o significado de continente, vaso, panella, alguidar. — No *Diccionario Tupi*, de Gonçalves Dias, vem *nhaéni* por *nhaém*, como está nos outros. Quicá erro de imprensa.

GOYAU (fl. 220) espece d'arbriseau. — *Goyába* ou *Guayába*, Myrtacea (*Psidium guayara*, Radcl.). E' duvidosa a procedencia tupi deste nome, que ocorre similhantemente nas Antilhas e no Perú. A patria de origem do vegetal é ainda questão aberta na Geographia botanica. Segundo De Candolle, seria elle indigena no Mexico, na Colombia e no Perú, mas teria sido trazido para o Brasil antes da epocha do descobrimento. Se fór tupi, póde ser acerto o etymo que offerece Baptista Caetano, de *guaya* ou *guayab* agglomerado de fructos ou sementes.

GYROMON (fl. 52 v.) fruit excellen. — *Gerimú*, Cucurbitacea (*Cucurbita maxima*, Duch.) — De *ya* cabaço, *yurú* bocca,

gargalo, *mf* estreita: cabaço de bocca ou gargalo estreito. Para a lingua franceza o vocabulo passou sob a fórma *giraumon* ou *giraumont*, que Littré consigna, desconhecendo a origem.

I

IACOPEM (fl. 105 v.) nom d'un Indien. — *Jacupema*. (Vide *Iacupem*).

IACOU (fl. 236 v.) oyseau... qui est un vray Faisan. — *Jacú*, nome generico das *Penelopidas*. — De *y* (demonstrativo: o que, aquella que) a fructo, grão, cu comer, tragar, engulir: o que come grãos.

IACOU OUBOUYU (fl. 236 v.) oyseau... ayant le plumage de la teste tout bleu, les pieds rouges et toutes les plumes tant du corps que des ailes d'un beau noir tres luisant. — *Jacú-oby*, o *Jacú* azul. — Talvez se refira ao *Cujubi*, *Cra-cidas* (*Cumana kujubi*, Pelz.).

IACOU-PARI (fl. 185) Principal... c'est à dire le Faisan crochu. — *Jacú-pari*, de *jacú* (Vide *Iacou*), e *pari* cuxo, torto.

IACOU-PARY (fl. 173 v.) nom d'un Indien. — Talvez *Bucupari*. Em Maregrav vem *Ibacurupari* (*Platonia insignis*, Mart., ou *Moronobea osculenta*, Arruda Camara). — De *ybd-curú-pari* fructo revestido de pontas, ou cheio de asperezas, segundo Sampaio.

IACOUPEM (fl. 183 v.) c'est à dire un Faisan. — *Jacupema*, *Penelopidas* (*Penelope superciliaris*, Temm.). — De *jacú* (Vide *Iacou*), e *péma* chato.

IANOUCOÜÄRE (fl. 188) village... c'est à dire le trou du chien. — *Jaguaraqudra*, de *jagudr* (Vide *Ianouäre*) e *qudra* buraco, como se traduz no texto.

IANOÜÄRE (fl. 251 v.) espece d'Once; (fl. 252 v.) Chien. — *Jagudr*, nome generico dos *Felidas* americanos, o *Felis onca*,

Linn., applicado também ao cão após a conquista, porque o cão é especie extranha á Fauna do Novo-Mundo. — Segundo Buffon, o nome na lingua brasíllica seria *janouara*; mas esta graphia é puramente franceza, só usada por escriptores dessa lingua. — Gabriel Soares traz *jaguarcté* e *jaguaruçú*; Piso e Maregrav descrevem o *jaguara*. — De *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), a gente, *qudra*, participio de *ú* comer: o que gente come. No quéchua *yaguar* significa sangue.

IANOUËRE AUAETÉ (fl. 158) nom d'un Principal; (fl. 184 v.) qui signifie l'Once sauvage ou le grand chien. — *Jagudr-abd-eté*. De *jagudr* (Vide *Ianouäre*), *abd-eté* homem verdadeiro: homem verdadeira onça ?

IANOUËREM (fl. 96) village; (fl. 183 v.) c'est à dire le chien puant. — *Jaguarema*. De *jagudr* (Vide *Ianouäre*) e *rema* fetido, mal cheiroso, como se traduz no texto.

IANOUËRESIC (fl. 158 v.) nom d'un Indien. — *Jaguaracica*. De *Jagudr* (Vide *Ianouäre*) e *cica* liso ou limpo.

IAOUËNTIN (fl. 185) nom d'un Principal... c'est à dire le chien blanc. — *Jaguaratinga*. De *Jagudr* (Vide *Ianouäre*) e *tinga* branco.

IAOUËRE (fl. 317) Estaille... c'est à dire Chien. — *Jagudr* (Vide *Ianouäre*). — E' a estrella da tarde, ou Vesper, a que o povo chama *Papa-ceia*. — No *Tesoro*, *yagun-bebé* cão voador, significa comêta, que não é propriamente o corpo celeste a que allude o texto.

IAPOUËY (fl. 365) nom d'un Indien. — *Japu-wai* vem nos *Glossariu* de Martius, como "avis *Cassicus albirostris*"; deve ser um Icterida, cujo nome vulgar desappareceu.

IARACATIA (fl. 218 v.) arbre. — *Jaracatid*, Bixacea (*Carica dodecaphylla*, Vell.). — Difficil de explicar; nota-se na composição o thema *catt* cheiroso, junto a *d* fructo.

IATION (fl. 255 v.) especie de mouche. — *Jatium* ou *Inhatium*.

(*Culex*). — Marcgrav menciona *Nhatiu* ou *Yatium*, mosquito pernillongo em portuguez. — De *y* (demonstrativo: o que), a da gente, *té* o corpo, *ú* comer. Este verbo incluye as accepções de picar, pungir, etc. — No Rio Grande do Sul, perto de São Gabriel, existe um banhado com este nome.

IADOUROU (fl. 242) oyseau. — *Jaburú* ou melhor *Jabirú*. — Ciconiidas. — (*Mycteria mycteria*, Licht.) — De *y* (demonstrativo: o que, aquelle que tem ou está), e *abirú* farto, repleto, inchado, allusão ao grande papo da ave.

IAPOU (fl. 237 v.) oyseau. — *Japú*. — Icteridas (*Ostinops decumanus*, Pall.) — De *ya* (demonstrativo: o que, aquelle que), *pú* soar, fazer rumôr: o que sôa, ou rumoreja. Ha outras explicações.

IAPY OUËSSOU (fl. 67 v. *et passim*) nom du Principal de l'Isle de Maragnan... (fl. 183) c'est à dire le petit grand oiseaux bigarré, qui est un des beaux & plus rares oiseaux des Indes. — O nome desse chefe indigena domina as duas relações, a do Padre d'Abbeville e a do Padre d'Evreux. A actual denominação do passaro é *Japim* (*Cassicus cela*, Linn.) com o qualificativo *açu* ou *guarú* grande; aquelle admite explicações varias, entre as quaes, por melhor definir o objecto, é preferivel a que o faz derivar de *y* (demonstrativo: o que, aquelle que tem); a cabeça, e *plí* fina ou delgada.

IBOUYËPAP (fl. 56) une fort grande & tres haute montagne. — E' a serraania entre o Ceará e o Piauí, que temos visto em documentos antigos *Ibuapaba*, *Buapaba*, *Boapaba*, etc.; actualmente *Ibiapaba*. — De *yby* terra, *ypab* levantamento, elevação. Ha outras explicações.

IBOUYËPAP EU'GOI'ARE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans d'*Ibouyëpap*. — *Ibiapaba-guára*, de *Ibiapaba* (Vide *Ibouyëpap*) e *guára* morador, habitante, como no texto.

IEIOU (fl. 240 v.) poisson. — *Jijú* ou *Gejú*, peixe da mar (*Erythrurus unitaeniatus*, Spix). — Difficil de explicar.

IEREUOUSSOU (fl. 182 v.) Principal... nom d'un oyseau ainsi appellé. — *Gerebuçú*, de *geréba*, nome do *Cathartes aurea*, Linn., explicado por *geré* volver, girar, *ba* por *bae*, suffixo do *nomen agentis*: o que volve, o que gira, volvente, girante, pelo continuo movimento que faz a ave com o pescoço; *uçú* grande.

IEROPARY (fl. 70 et passim) le diable. — *Jurupari*, o demonio incubo, um genio da mythologia tupi. O nome é susceptible de explicações várias; entre todas afigura-se-nos mais racional a de Baptista Caelano, por *y-ur-upá ri*, o que vem á, ou sobre a cama, porque inclue a idéa de pesadelo, que o vocabulo exprime nos dictionarios, e que o indio, por não poder explicar, attribuia a causas sobrenaturaes, como á visita de um genio malfazejo enquanto dormiam. Aliás, não é outra a origem do francez *cauchemar*, do inglez *night-mare*, do hollandez *nagt-merrie*, em que o mesmo radical *mar*, *mare*, *merrie*, tem o sentido geral de incubo, demonio, etc.

IEROUTY (fl. 239) oyseau. — *Jurutí*, nome commun a diversas aves Peristeridas. — De *yurú* pescoço, *tí* branco.

IEURÉÁ (fl. 60 v.) qui est un port en la grande l'Isle; (fl. 184 v.) c'est à dire les fesses esguisées. — Y. d'Evreux escreveu *Yuiret*. — A significação do texto póde reportar-se a *ebiré*, de *ebi* trazeiro, as nadegas, e *ré* diverso, differente, disfarçado, quizá alludindo á conformação topographica do porto referido. A rigôr seria *tebiré*, porque *ebi*, em composição, vem sempre precedido do *t* generico ou absoluto, como em *tebira* ou *tebiró* nefandus, sodomita, *tepitambóca* hemorrhoidas, e outras.

INGÁ (fl. 226) arbre. — *Ingd*, Leguminosa da divisão Mimosa-cea, de que existem muitas especies no genero Inga. — Do

yvá embebido, ensopado, empapado, qualificativo que apparece com a possível queda de um nome por elle qualificado *yba*, *ybyrá*, etc. Comprehende-se a denominação porque se trata de uma planta ripária.

INGAROBORY (fl. 188) Principal... c'est à dire le chantre bleu. Deve ser *Guiraoby*, de *guirá* passaro, *oby* azul ou verde.

IOUQUERE (fl. 306 v.) saulee ordinaire de toutes leurs viandes. — *Juquiry*, de *yuquir* sal (literalmente *y*, demonstrativo, o que, *ú* comida, *quir* aguça), e *y* agua: agua de sal, salmoura, molho.

IOUBOY (fl. 253 v.) couleuvre. — *Gibóia*, nome commun ás Boidas, em especial á *Boa constrictor*, Linn. — De *gy*, metaplasmo de *yg* agua, e *mbói* cobra; cobra d'agua.

IOUCOUROUTOU (fl. 240) oyseau. — *Jucurutú*. Caprimulgidas (*Strix nhacurutu*, Vieill.). E' voz onomatopaica.

IOUPARA (fl. 252 v.) espece de monne... rayées de blanc sur autres diverses couleurs. — *Jupará*, ursideo (*Cercoleptes caudivolutus*, Pallas). Talvez de *çóó* animal, *pará* variegado, de diversas côres, como o texto indica.

IOURA-EUTA-OUÄSSOU (fl. 188) Principal... c'est à dire les grands bastons d'un dressoir. — Talvez, *Girdu-ild-guaçú* pedra de giráu grande.

IOURAPOUPIARES (fl. 189) Indiens. — Será *Jurapupidas* ou *Jurapupias*, tribu indigena desconhecida. — Nome difficil de explicar.

IOUTAY (fl. 225 v) arbre. — *Jutai*, Leguminosa (*Hymenaea courbaril*, Linn.) Talvez corruptella de *y-ítá-yb* arvore de agua dura, ou de resina; se se tratasse de vegetal espinhenlo, poderia ser *yu-etá-yb* arvore de muito espinho. (Vide *yata-vua*).

IOÜY (fl. 126 v.) nom d'un Indien. — *Jui*, a gia, a rá (*Rana*). Talvez onomatopaico.

ITA-ENDAUE (fl. 182 v.) village... c'est à dire la place de pierre. — *Itaendába*, de *itá* pedra, *endába* lugar, sitio, pouso, como no texto.

ITAIEUC (fl. 298) pieces blanches d'argent. — *Itajyca*, de *itá* pedra ou metal, e *jyca* quebrado, ou que se se quebra, quebradiço, o estanho. — Para designar a prata propriamente tinham o vocabulo *itatinga* pedra ou metal branco. Equívoco do autor.

ITAIOUP (fl. 298) pieces iaunes d'or. — *Itajúba*, de *itá* pedra ou metal, e *yúba* amarello; ouro, dinheiro.

ITAOC-MIRY (fl. 187 v.) Principal... c'est à dire la petite maison de pierre. — *Itáoca-mirim*, de *itá* pedra, *óca* casa, *mirim* pequena, como no texto.

ITA-ONGOUX (fl. 187) Principal... qui signifie le mortier de pierre. — *Itá-angud*, de *itá* pedra, *angud* pilão, o almofariz.

ITAPARY (fl. 120 v.) nom de lieu. — *Itapari*, que, segundo Bettendorf, é assim chamada em razão das cambôas que havia para a banda da bahia de São José. — De *itá* pedra, *pari* cercado, curral.

ITAPOUCOU (fl. 362) nom d'un Indien... qui signifie une barre de fer. — *Itapucú*, de *itá* pedra ou ferro, e *pucú* comprido; barra de ferro, alavanca. — Os dictionarios trazem *itapecú* barra de ferro, como está traduzido no texto.

ITAPOUCOUSAN (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire les fers qu'on met aux pieds. — Deve ser *itacupyçama*, de *itá* ferro, *cupy* de pernas, *çama* ligar, prender, amarrar; corrente de ferro, grilhões.

ITAPOUYSSAN (fl. 362 v.) nom d'un Indien... qui signifie l'ancre du navire. — *Itapoyçama*, de *itá*, de ferro, *poyçam* mão que prende ou amarra, a ancora; *poichá* está no *Tesoro* com o significado de mão que amarra.

IUNIPAP (fl. 219) arbre. — *Genipapo* (*Genipa americana*, Linn.). — De *nhandipab* ou *jandipab* fructo de esfregar, ou que serve para pintar, que tal era o destino que davam ao fructo verde. A' fl. 186 v. occorre a variante *Iencupaeupé*, em que *eupé* vale *yb*.

IUNIPARAN (fl. 67 v.) village; (fl. 183) c'est à dire, *Iunipap* amer. — Difficil de explicar, com a significação dada; amargo seria *rób* e não *ran*. — Como em Bettendorf occorre *Ianiparana*, póde-se suppôr o suffixo *rana* com o significado proprio: similhante, parecido.

IURUUE (fl. 234 v.) perroquet. — *Ajurú*, *Jurú*, *Ajerú* e *Jerú*. — Nome applicado á *Amazona aestiva*, Linn., e outras especies affins de Psittacidas. — De a gente, *yurú* bocca: allusão ao fallar o papagaio como gente. — Ha outras explicações.

K

KAKER (fl. 228 v.) plante... semblable au *Gyromon*. — Difficil de identificar; não se trata da *Cad-quéra*, que é uma Leguminosa (*Cassia sericea*, Sw.).

KARACOU (fl. 302 v.) vin doux... fait de racines de Manioc-caue. (Vide *Caracou*).

KARAKARA (fl. 233) oyseau de proye. — *Caracará*, Falconidas (*Polyborus tharus*, Mol.). — O nome é dado como onomatopaico.

KAROUÁTA (fl. 228) plante. — *Caraguatá*, *Carauatá*, *Crauata* e *Gravatá*, nomes que designam a mesma especie de Bromelia, conforme á região onde medra. — De *cad-raquatá* herba de ponta dura, como explica Baptista Caetano (*Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim); ou de *cará-uá* talo ou nervura farpada, e *atá* duro, rijo, segundo Sampaio. E' irregular a graphia do texto sobre este vocabulo, que apparece como se vê acima, e tambem *Carauáta* e *Carouáta*.

KARY-PYRA (fl. 241 v.) oiseau. — *Carapirá* ou *Grapirá*. — Frégatidas (*Fregata aquilla*, Linn.). — De *cará*, alteração de *quirá* passarro, e *pirá* peixe. — É nome de um principal da nação Tabajára, que com outros índios acompanhou á França os missionários capuchinhos, e lá morreu. Seu appellido também vem graphado *Carypyra*.

KAROURÉ (fl. 223) oiseau. — *Cahoré*. Bubonidas. (*Glaucidium brasilianum*, Gm.). — De *cadá* mato, *horé* por *poré* morador.

KERÉ-IOUX (fl. 239) oiseau. — *Querejuá* vem em Gabriel Soares; em outros autores *Crejúá*. Actual *Quirúá*, Cotingidas (*Cotinga cincta*, Kuhl), o mesmo *Curúá* dos moradores da costa do Norte, segundo Goeldi (*Aves do Brasil*).

KEREMBAUE (fl. 293) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — *Carimbabo* está nos dictionarios tupis com o significado de forte, rijo, valoroso, que parece relacionar-se com *cuymbuc* varão, macho, valente, que vem no *Tesoro*, ou com *quereymbuc* aquelle que não dorme, que está alerta, vigilante. Com a mesma accepção dá o Padre Figueira (*Relação do Maranhão*) o termo *querimbaba*: "o que posto que já tinha fama de *querimbaba* e valente todos lhe querião bem..."

Kessé (fl. 283 v.) couteau. — *Quicé* faca. instrumento cortante. — De *quyi* ou *qur* cortar.

KET'AP (fl. 283) peignes. — *Kibába*, de *kyb* piolho (*Pediculus*), e *ab* cortar (*carpere*), conforme a explicação de Baptista Caetano (*Apontamentos sobre o Abaeténga*). Léry escreveu *kuap*, mas nos dictionarios tupis vem *kybába*, equivalente a *kyquá* dos guaranis.

Ko (fl. 284) jardin... qu'ils font dans les bois à demy quart ou un quart de lieu des environs de leurs villages. — *Có*, a róça, a plantação, quicá relacionando-se com *co* ou *cog* sustentar, alimentar.

KOARASSUH (fl. 316 v.) le Soleil.—*Coaracy*, de *guara*, participio nominal de *ecó* o que é, o ser, o vivente, e *cy* mãe: mãe dos seres, ou dos viventes. — Na mythologia tupi a *Coaracy* coube a missão de crear os animaes.

KOEUJOUR (fl. 257 v.) petites bestioles grandes comme les Grillons & assez semblables...—*Okyjú*, como está no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, correspondente a Grillo, insecto orthoptero da familia Grillidas.

M

MACACHET (fl. 229 v.) racine. — *Macacheira*, Euphorbiaceã (*Manihot aipi*, Linn.).—Segundo Sampaio, o *aipim*, que se comia assado, se chamava *aipi-macatera*, donde por erronia se fez *aipi-macacheira*, ou simplesmente *macacheira*, como é vulgar no Norte.

MACOUCAOUX (fl. 237) oyseau.—*Macucagud*, ou *Macagud*, Falconidas (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.).—De *má* por *yba* fructo, e *cugiguar* por *curihár* que traga, tragador, comedor; ou melhor, por accôrde com o nome generico e com o instincto da ave, de *mbói-acá-hár* aquelle que briga com as cobras.—*Acauã*, *Cauã* e *Macauã* são outros nomes dessa ave.

MAECAN (fl. 188 v.) village... c'est à dire la teste de quelque chose.—Será *mbac-acanga*, de accordo com a traducção do texto.

MAÏS (fl. 52 v.) plante. — *Mais*, *Mays* ou *Maize*. — Graminea (*Zea maïs*, Linn.) o milho.—Não é vocabulo tupi; pertence á lingua haitiana, e foi conhecido na Europa desde a primeira viagem de Colombo. (Vide *Auatty*).

MANDOUY (fl. 229 v.) petite racine que se trouve en la terre, grosse & longue comme le poulce. — *Mandubi*, Leguminosa Papilionacea (*Arachys hypogoea*, Linn.). — De *yba*

fructo, *tyby* sepultado, enterrado. O demonstrativo pronominal *t* de *tyby*, por estar intercalado, não é estranho que se mude em *nd*; o *y* de *yby* transforma-se ora em *u*, ora em *i*; e a queda do *y* inicial é frequente, conforme Baptista Caelano (*Notas aos Índios do Brasil*, de Fernão Cardim). Piso escreve *amenduinas*; hoje se diz *amendoim*, provavel diminutivo de *amendoa*.

MANEN (fl. 359) nom d'un Indien.—*Panema*, pobre, infeliz, inutil, esteril, mal saído, mal succedido, etc.

MANGAA (fl. 218 v.) fruct et arbre. — *Mangába*, Apocynaea (*Hancornia speciosa*, Gomez, ou, por direito de precedencia, *Riberia sorbilis*, de Arruda Camara). De *mangá* visgo, *yba* arvore: arvore de visgo.

MANIEUP (fl. 229 v.) plante ou petit arbreau. — *Maniba* ou *Maniva*. — A dicção *maní*, ou *mandi*, como se usa na composição, é difficil de explicar: póde ser contracção de *yba-yb* arvore de fructo, por excellencia, porque constituia a base da alimentação, como póde ser arvore do céu, segundo a tradição geral e constante na America do Sul, da vinda de um ente sobrenatural, de um pae estrangeiro *Tuné*, *Sumé* ou *Tubé* (em quem os catechistas pretenderam reconhecer São Thomé), que veio ensinar ás gentes o cultivo da planta e outras cousas novas. Essas explicações têm o valór de simples hypotheseas; o thema permanece indecifrável. Que seja tupi, não resta duvida. Baptista Caelano, tratando de mandiôca, acha notavel que, sendo um dos termos mais espalhados e usados, não venha nos vocabularios, e no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, por exemplo, que trata de *typyrati*, *uyyuba*, *carimã*, farinhas de *mandiôca*, não haja a menor referencia a esse nome, considerado como se fosse portuguez, ou de outra procedencia.

MANIOCH (fl. 229 v.) racine. — *Mandiôca*, Euphorbiacea (*Manihot utilisima*, Pohl). — De *maní-ôc* tirado ou proce-

denle de *mani*. O texto especifica: *Manioch étté* mandioca verdadeira ou legitima, e *Manioch cauc*, que não tem explicação plausível.

MANIOT (fl. 77) racine. — *Mandioca*. (Vide *Manioch*).

MANIPOY (fl. 223) espece de potage fort excellent à manger. — Não alcançámos explicar esta dicção, que não se encontra nos vocabularios; mas talvez se possa reporta-la a *tucupi*, que é um molho semelhante usado actualmente no Norte do Paiz, feito de *manipuera* concentrada ao fogo.

MAOUÄRIP (fl. 241) oyseau... un Heron. — *Maguari*, Ciconiidae (*Euzenura maguari*, Gm.). — De *mbaguari*, vagaroso, lardo, que caminha pesadamente, pesadão, segundo Baptista Caetano.

MAOUÄRY-OUÄSSOU (fl. 184) Principal... qui est le nom d'un grand oyseau blanc. — *Maguari-guaçu* (Vide *Maouärip*); *guaçu* grande.

MAPOUYB COUÄY CHOUÄRE (fl. 275) brassolet. — A phrase é descriptiva, e póde ser deste modo reduzida ao tupi: *Mbaé pot cuacuab* cousa em fio para cingir, — que exprime a idéa contida no texto.

MARACA (fl. 300) instrument... fait d'un fruit. — *Maracá*, de *mbara* forte, resistente, e *cá* casca, a códea, o envolvero.

MARACANA PISIP (fl. 184) village... qui signifie le grand Oyseau nommé *Maracana*. — *Maracanã-piciba*, de *maracanã* (Vide *Margana*), e *piciba* suja, immunda. — Bettendorf inseriu *Maracanapirip*, como leu em Laet, e que corrigiu dubitativamente para *Maracanapiri*; mas na edição franceza de Laet lemos o nome como d'Abbeville o escreveu.

MARACAPOU (fl. 188) Principal... qui signifie le son d'une sonnette. — *Maracapú*, de *maracá* (Vide *Maraca*) e *pú* ruido, rumor, barulho: ruido de *maracá*, como se traduz no texto.

MARACOU (fl. 178) riviere. — *Maracú*, sem explicação plausível; Martius (*Glossaria*) pretende que seja contração de *ymira-urucú*. — A actual cidade de Vianna está situada aonde foi a aldeia de Maracú, fundada pelos Padres da Companhia de Jesus'.

MARAGNAN (fl. 18 v. *et passim*) terre du Brésil. — *Maranhão*, vocabulo de étymo incerto, que não parece tupi.

MARAGNAN, EUGOUËRE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans de Maragnan. — *Maranhão-guára*, de Maranhão (Vide *Maragnan*), e *guára* morador, habitante.

MARCOYÄ PEROP (fl. 182 v.) Principal. — *Maracujá-peróba*. (Vide *Markoya Pero*).

MARGAIA (fl. 251 v.) espece de Chat sauvage. — *Maracajá*, carniceiro (*Felis pardalis*, Linn.). — Difficil de explicar; não satisfazem os étymos propostos, em que appareça o thema *mbaracá* instrumento musico, sem outras relações com o nome do Felidas que não sejam as da euphonia.

MARGANA (fl. 234 v.) perroquet. — *Maracanã*. Psittacidas (*Ara maracana*, Vieill). — Gabriel Soares escreveu *Marcanã*. — De *mbaracá*, o instrumento, *rã* ou *nã* semelhante, parecido, alludindo ao vozeado que fazem essas aves; mas, como andam sempre em bandos, póde admittir-se *paracauanã* papagaios colligados, conjuntos.

MARCOYÄ (fl. 220) espece d'arbriseau qui se lie au tour des arbres. — *Maracujá*, nome generico das Passifloras. — O autor dá como um mesmo vegetal este e *Goyauc*, que é uma Myrtacea (*Psidium guajava*, Raddi). — Vide *Margoyäue*).

MARCOYÄUE (fl. 183) nom d'un fruit. — *Maracujá*, nome generico das Passifloras. — De *mbo-cuy-á* fructo que faz vaso. — É assás irregular a graphia do texto a respeito deste nome, que apparece como *Marcoyã*, *Margoyã* e *Markoyã*.

MARIGOT Y (fl. 255) moucheron. — É o pequeno díptero hematóptago da família Chironomídas (*Calenioides marini*, Latr.). — *Maruin*. — Em Gabriel Soares, *marigui*; *marigui* em Maregrav. — Latrê regista *maringouin*, que os entomologistas francezes usam desde Macquart (*Histoire naturelle des insectes — Suites à Buffon* — Paris, 1834); mas desconhece a origem, que não pôde ser outra senão a do nosso *maruin*, de *mberá* mosca, *i* pequena.

MARINGOUTIN, (fl. 255) moucheron. (Vide *Marigouy*).

MARKOYA PEZO (fl. 86 v.) nom d'un Indien. — *Maracujá-perôba*, nome de uma especie de Passiflora. — De *maracujá* (Vide *Margoyäue*) e *perôba* casca amarga, ou amargosa.

MATARAPOUA (fl. 160) Principal. (Vide *Metarapouä*).

MAUKAÏÉ VUE (fl. 224) arbre... fort haut, ayant les feuilles assez semblables au poirier & les fleurs jaunes... — *Macujé-iba*, uma Apocynca. — Em Gabriel Soares *Macujé*. — Difficil de explicar.

MAYCHOUËRE (fl. 188) Principal... qui est le nom d'un arbre. — Será *Majuára*, conforme á graphia do texto; mas difficil de explicar, como de identificar a arvore a que se refere.

MAYÜZE (fl. 95 v. *et passim*) riviere et village; (fl. 185) nom de certaines feuilles d'arbres qui sont fort longues & larges. — *Maïobe* e *Mayobe* em Y. d'Evreux; mas, conforme a explicação do texto, deve ser *Tayóba* (Caladium), composto de *tayá*, como em *Taiapouän*, o *oba* folha.

MAYRATA (fl. 131) nom d'une Indienne. — *Mairatá*, um genio da Theogonia tupi, *Mair-atá*, o deus viajante, como explica Gonçalves Dias (*Brasil e Oceania*). — Note-se, porém, que *mairatá* fôgo de francez (*mair*), era em principios a denominação da espingarda no tupi, substituida depois por *mocôba*, que está nos dictionarios.

MENDOUUEL (fl. 247) poisson. — *Mandubé*, peixe do mar (*Hypophthalmos edentatus*, Spix). Difficil de explicar; talvez se relacione com *mandiy*, nome dado aos bugres.

MEROU (fl. 255) mouche. — *Mberú* mosca, de *mbir* pelle, á comer, picar, pungir, chupar.

MEROU OUBOUYH (fl. 255 v.) sont Mouches toutes vertes. — *Merobi*, a verejeira. — De *mberú* mosca, *oby* verde. Marcgrav traz *Mberuobi*; Martius define — *musca viridis splendens*.

METARAPOUÁ (fl. 182) Principal. — *Metarapud*, de *metára* (contractão de *tembetá* batoque do beijo) e *apud* redondo, arredondado.

MEUROUTY-EUUE (fl. 185 v.) village... le baston, ou bien l'arbre de Palme. — Actual *Miritiba*. — De *ymbirity* arvore que liquido emite, a palmeira (*Mauritia vinifera*, Mart.), e *yba* pé, fuste, haste, caule. — A's fls. 136 v. e 221, estão respectivamente *Meurentieupé* e *Meuruti-eue*, com identica definição, variantes do nome acima, com suffixos equivalentes.

MIARY (fl. 158 v.) riviere. — *Meary* actual, de *mbid-r-y* rio da gente, onde se navéga.

MIARY EUGOUARE (fl. 261) les habilans de Miary. — *Meary-gudra*, de *Meary* (Vide o precedente), e *gudra* morador, habitante.

MIGAN (fl. 67 v.) un des nos truchemens... natif de Dieppe. — David *Migan* viveu muitos annos entre os Indios e morreu na batalha de Guaxinduba; seu nome parece simples variante do tupi *mingáu*.

MINO (fl. 275 v.) brasselet. — Difficil de explicar com tal significação. *Minó* ou *menó* é fornicar, exercer a copula. Se se tratasse da liga ou axorca symbolica da virgindade,

poder-se-ia reportar a *mendára* ou *mendra*, do mesmo radical, exprimindo o acto de casar o varão, de tomar a liga, que se chamava propriamente, como veremos, *tapacura*.

MIRIKINA (fl. 252 v.) especie de monne. — *Miriquiná*, simio (*Nyctipithecus trivirgatus*, Spix). — De *myraqui* gente suja, immunda (donde *Muriquí* ou *Buriquí*, nome de outra especie de simios), e não parecido, similhante.

MOISSOUBOUY (fl. 131) nom d'un Indien. — Quicá *mbói-oby* cobra verde, ou azul. — O Padre Luis Figueira, na *Relação do Maranhão*, refere-se frequentemente a um indio chamado *Cobra-azul*, que era principal.

MOMRORÉ OUËSSOU (fl. 149) nom d'un Indien vieillard... aagé de plus de neuf vingts ans. — Esse indio, segundo dizia, tinha assistido o estabelecimento dos portuguezes em Pernambuco e no Potengy. — *Boré-guaçú*, de *mbyré* especie de trombeta ou flauta, e *guaçú*, grande.

MORECY (fl. 224) arbre... croist (encore) dans les sables: il a la feuille assez semblable à celle du Coing: la fleur en est iaulne: le fruit est assez petit, un peu aigret et de fort bon goust. — *Muricy*, uma Malpighiaceae (*Byrsonima verbascifolia*, Rich.) — De *mbu-r-ycy* faz que resine, ou que grude.

MOUCOURU (fl. 55 v.) Ance. — *Mucuripe*, enseada na costa do Ceará, formada pela ponta do mesmo nome. — Póde ser *mucur-y-pe* no rio das *mucuras* (Marsupios do genero Didelphys).

MOUNIN (fl. 178) riviere. — *Monim*, segundo Sampaio, corruptella de *ma-ni* o que é enrugado ou encrespado, o ondeado. Martius traduziu como rio do mondéo, que não é acertado.

MOUROURÉ (fl. 224 v.) arbre. — *Mururé*, uma Urticaceae? — Difficil de explicar.

MOUTOU (fl. 217 v.) poisson... assez semblable à Languille.

— *Muçô* ou *muçum*, especie de enguia (*Symbranchus marmoratus*, Bl.) — Explicado por Sampaio como corruptela de *mo-cum* faz que deslize, o escorregadio, o resvaloso.

MOÛTIN (fl. 184) Principal... c'est à dire la rassade blanche.

— Será *mboy* ou *poj* missanga, e *tin* branca.

MOUTOU (fl. 253) especie de Mouches fort grosses et belles à voir. — *Mutuca*, diptero Tabanidas. A especie mais frequente no Norte (Pará, Maranhão e Norte de Goyaz) é a *Tabanus importunus*, Wied.—Gerundio de *mbotuy* furar, a que fura ou aguilhôa, a perfurante.

MOYTON (fl. 236) oyseau... qui est grand comme le Paon et est assez semblable excepté la queue. — *Mutum*, nome generico dos Cracidas. — De *mytun* por *pytun* e *pytuna* noite: escuro, negro, por extensão; originariamente qualificativo, dizendo passaro negro ou escuro. — Para alguns é onomatopaico.

MOYTON-TIN-MIRIN (fl. 236) oyseau... tout le plumage rouge & blanc. — *Mutum-tin-piranga*, o *Mutum* branco e vermelho. — Parece tratar-se da especie *Mitua mitu*, Linn.

N

NAMBOU (fl. 237) oyseau. — *Inkambú*, *Nhambú* ou *Nambú*, nome generico dos Tinamidas, especialmente do genero *Crypturus*, e que especificam: *quacú* grande, *tinga* branco. — Susceptivel de varias explicações, sendo preferivel: de *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), *am* levantar-se, elevar-se, erguer-se, e *bú* estrondando: o que se levanta estrondando.

NARINNARY (fl. 245) poisson plat, assez semblable aussi à la Raye... tout rayé de noir, et de blanc — *Narinari*, peixe

do mar (*Actobatus narinari*, Euphrasen). — Sob aquella fórma occorre em Maregrav; *Arinairy* no *Diccionario Portuguez e Brasiliano* vem como *Raia* peixe. No Rio de Janeiro chamam *Raia-pintada*. — Difficil de explicar.

O

Oc (fl. 181 v.) la village. — *O'ca*, de *ôy* cobrir, o que cõbre, a casa.

ONBOU (fl. 223) arbre. — *Umbú*, ou *Imbú*. Anacardiacea (*Spondias purpurea*, Linn.). — De *y-mbó-ú* o que faz beber, por allusão ás tuberas, que contêm agua.

ONGOUX (fl. 305 v.) tronc d'un arbre creusé en forme d'un mortier. — *Anguá*, de *emb* ôco, concavo, e *quá* bater. — Nos dictionarios tupis, para significar pilão, vem *enduá* ou *indua*, ao passo que a dicção *anguá*, que está no *Tesoro*, é privativa dos vocabulos guaranis.

ONGOUX VÁ XAME (fl. 305 v.) au lieu de pilon ils se servent d'un baston long. — *Anguauayba* mão do pilão ou gral, conforme Baptista Caetano. Nos dictionarios tupis com aquelle significado, occorre *indua-ména*.

ONMERY (fl. 225) arbre. — *Umay*, Leguminosa (*Geoffroya spinosa*, Linn.). — Segundo Sampaio, de *yba-mbo-ri-y* arvore que faz que veria agua, alludindo ao curioso phenomeno de verter no principio do inverno tanta agua dos olhos que chega a molhar o sólo, o que é para os seria-nejos bom signal de estação chuvosa.

OOUUE (fl. 288 v.) fleche. — *Uyba*, flecha. — Difficil de explicar, mas deve reportar-se a *yb* vara.

OPEIN (fl. 247) poisson... la peau toute rousse de rouge. — Talvez *Pidú*, peixe d'agua doce, que pertence ao genero *Leporinus*. — De *pi* pelle, *áu* manchada, ou suja.

OROROUTIN-EUGOUXUE (fl. 187) village... c'est à dire le lieu où le Corbeau va boire. — *Urubú-tin-gudba* de *urubú tinga*, Cathartidas (*Cathartes urubutinga*, Pelz.) e *gudba*, participio de *ú* comer ou beber: o em: que, ou onde se come ou bebe. (Vide *Oouroubou*).

OUĂCARA (fl. 2441) oiseau. — *Guacará*, nome dado a diversas aves nadadoras (*Anseres*) e a peixes. — Difficil de explicar.

OUĂCARA (fl. 244) poisson. (Vide o que precede).

OUĂCARA-ON (fl. 241) oiseau. — *Guacará-una*, o guacará negro.

OUĂCOURY (fl. 221) Palmier. — *Oacuri*, palmeira do genero *Attalea*. — De *od* por *yba* fructo, *curi* amudado, repetido, por fructificar de continuo.

OUĂCOURY ROUAN (fl. 221) moelle... tres-blanche... dedans le tronc de cet arbre. — *Oacuri-ruan*, de *oacuri* (Vide *Ouăcoursy*) e *ruan*, absoluto, de *uan* talo, caule, grêlo, miolo: o palmito do *oacuri*.

OUĂGIROU (fl. 224) arbre. — *Guagirú*, Rosacea (*Chrysobalanus icaco*, Linn.). Em Gabriel Soares *Abajerú*. — De *guá* por *yba* fructo, e *varú* damnoso, prejudicial: porque o fructo deixa nos labios de quem o come um suco leitoso e visguento, que custa a sair. — Diz-se tambem *Guajarú*, *Gua-jurú* e *Uajurú*.

OUĂIOUPIA (fl. 323) nom de lieu. — Talvez *Guajupidá*, contracção de *guaidá*, nome generico do caranguejo, e *upidá* óvas. — Note-se que no guarani *guayupidá* é feitiço.

OUĂIKOUV (fl. 178 v.) riviere. — *Guajahú*. — De *guaidá* caranguejo, *hu* por *y* rio.

OUĂIEROUĂ (fl. 218 v.) arbre. — Deve ser, conforme á graphia, *Guagirudá*; mas não conseguimos indentificar. (Vide *Ouăgirou*).

OUĀPACARI (fl. 267 v.) une racine. — Será *Guapācarí*, difícil de explicar.

OUĀRA (fl. 240 v.) oiseau. — *Guard*. Ibididas (*Eudocimus ruber*, Linn.). — Do *guay* adornos, enfeites, e *ráb* plumas, que tal era o destino que davam ás pennas dessa ave.

OUĀRA (fl. 245) poisson. *Guard*, quiçá alterado de *acará*, por *ocará*, o que tem casca ou escamas, o cascudo.

OUĀRA-AUBOYH (fl. 184) Principal... qui signifie l'oiseau bleu. — *Guard*, melhor *guirá* passaro, *oby* azul.

OUĀRAOUĀ (fl. 243 v.) poisson. *Guaragudá*, o peixe-boi, cetaceo (*Manatus inuiguis*, Natterer) — Do frequentativo *guáraguá* come-come, comilão; ou, também, por coincidir com o habito desse cetaceo, de *ygua-r-guá* morador em enseadas.

OUĀRA OUĀSSOU (fl. 362) Principal... qui est le nom d'un poisson. — *Guard-guaçú* (Vide *Oudra*), e *guaçú* grande.

OUĀRAPIRAN (fl. 183 v.) village... c'est à dire le terrier rouge. — *Guard-piranga*, o *guard* vermelho. *Guard* é o carniccio (*Canis jubatus*, Doms.), o lobo brasileiro, que se explica por *aguará*, participio de *adô*, o que briga.

OUĀRARA (fl. 119) espece de labourin. — *Guarará* tambôr, de onde provém o nome dos montes celebrados pelas duas batalhas, que se feriram entre luso-brasileiros e holandeses, em Pernambuco.

OUĀRIUE (fl. 252) sortes de Monnes et Guenons... elles crient si haut qu'on les peut entendre environ d'une lieuë. — *Guariba*, nome de uma casta de simios (*Mycetes*). — Susceptivel de diversas explicações, entre as quaes, por accôrde com o habito do animal, que o texto assignala, e o nome generico que a sciencia lhe deu, póde ser admit-

tida a que Baptista Caetano sugere: de *quahür-yh* chefe dos cantores ou berradores.

OUÄNOUÄ (fl. 283) c'est à dire mirouers. — *Guarú* ou *oarú* espelho, o que sua sombra faz erguer ou nascer. O equivalente guarani é *ye-echacába*, de *ye-echáq* vêr-se; aquillo em que se vê.

OUÄNOUMA-OUÄSSOU (fl. 182) Principal... c'est à dire l'arbre et les branches, avec lesquelles ils font les cribles à passer farine. — *Guarumá-quacú*, *Marantha sp. var.* — Também se escreve *Carumá*. — Difficil de explicar. — O pres-timo que tinha esse vegetal é o mesmo actualmente.

OUÄROYIO (fl. 364) nom d'un Indien. — Póde ser *Guarujó*, de *guarú* sapo, e *yó* tirado, procedente: o filho do sapo.

OUÄTIMMOOP (fl. 119) village. Talvez *Guatambú*, nome de uma Apocynaea (*Aspidosperma sessiliflorum*, Mart.). — De *gua*, contracção de *guarú* por *ybirá* páu, madeira, atá forte, dura, e *mbú* soar, ser sonante.

OUÄTOUCOUPA (fl. 244) poisson. — *Guatucupá* (*Otolithus guatucupa*, Cuv.). — Segundo Marcgrav, *Corvina* em portuguez. No *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, significa *Pescada* (*Oatocupá*). — De *y* (demonstrativo: o que tem), *atuc* dorso, costas, e *apúr* vergado, curvo.

OUÄUIROU (fl. 160) nom d'un Indien. — *Guabirú*, o rato (*Mus tectorum*, Savi). — De *guab-porú* que devóra a comida.

OUÄYÄURO (fl. 364) nom d'une Indienne... c'est à dire plumache plumié. — Será *Guarayró*, de *guarú* plumas, pennas para enfeites, e *yró* eriçadas, em pé. hirtas.

OUÄYCHO (fl. 237 v.) oyseau. — *Guache*. Icteridas (*Cassicus hoemorrhous*, Daud.). — E' voz onomatopaica.

OUAYNON-MONDEUUE (fl. 182 v.) Principal... qui signifie le lieu où l'on prend les Crabes bleus. — *Guaiamú-mondé*. — De *guaiamú* (Vide *Guégnomoin*) e *mondé*, que Sampaio explica por *mbo-ndé* fazer sobrepôr ou cobrir, o que envolve, o que se alça; a armadilha, o fojo, o alcapão, o laço, vulgo *mondé* ou *mundéo*.

OUÉGNOMOIN (fl. 248) cancer. — *Guaiamú*, o crustáceo brachiuro (*Cardisoma gunhumi*, Latr.). — De *qua-i* de furados (côvas), *bur* emerge; ou de *guaiá-m-û* caranguejo preto, ou azulado. Preferível este último étymo, porque se trata da grande espécie de côr azul.

OUÉGNOMOIN (fl. 317) une constellation de plusieurs Etoiles... c'est à dire Escrevisse. (Vide o que precede).

OUÉNONBOUYH (fl. 239 v.) oiseau. — *Guainumbi*, nome commum aos Trochilidas (*Beija-flores*). — Tem várias explicações: preferível a que faz derivar de *guay-n-omy* aquelle que é de côr verde ou azul, característico principal da ave.

OUA OUËSSOU (fl. 248) canere. — *Guajá-açu*, espécie grande dos mangues.

OUIRA-EUBOUOU (fl. 186 v.) Principal... le long arbre. — De accordo com este significado, será *ybyrd-pucú* arvore longa, comprida.

OUIRA PINOBOUHI (fl. 364) Principal... c'est à dire l'Oiseau bleu sans plumes sur la teste. — Será *Guirá-pin-oby* passaro raspado ou pellado azul.

OUIRAROUËNTIN (fl. 188 v.) Principal... c'est à dire l'arbre blanc. — Será *ybyrd-tinga* arvore branca, conforme ao texto; a syllaba *rou* intercalada não tem explicação.

OUIRA SAPOUKAI (fl. 242 v.) Poules communes. — *Guirá-sapucaya*, nome do gallo e da gallinha domesticos entre

os tupia da costa. — De *guirá* ave, *capucay* canto, grilo, clamôr: canto de ave, ave que canta, grita, ou olama.

OURA-TIN (fl. 241) oyseau. — *Guirá-tinga*, Ardeidas (*Herodias egretta*, Gm.). — De *guirá* passaro, *tinga* hranco.

OUINAYUE-OUSSOU (fl. 187) Principal... qui signifie le viell oyseau. — Será *Guirajú-ucú* passaro amarello grande, e não passaro velho, como quer o texto.

OURAROUN (fl. 248 v.) cancre. — Será *Urarúba*, nome tão difficil de interpretar como de identificar.

OUROU (fl. 238) oyseau. — *Urú*, nome de várias perdizes pequenas, do genero *Odontophurus* e outros, estendido aos gallinacos em geral. — E' voz onomatopaica.

OUROU (fl. 283) pannier... faict de feuilles de Palmes. — *Urú*, de *y* (demonstrativo: o que), *rú* conter, trazer, o que contém, ou traz, o continente, vaso, cesto, etc. O vocabulo *urú* ainda se usa em alguns Estados do Norte.

OUROUBOU (fl. 316 v.) Constellation... en forme de cœur. — *Urubú*, nome generico dos Cathartidas, susceptivel de várias explicações, das quaes a mais conforme com a bibliographia é a que o faz derivar de *urú* ave (gallinaceo em geral) e *bú* negro; póde admittir-se outra que o derive de *urú*, como acima, e *ú* voraz, o corvo. — Talvez a constellação a que o texto se refere seja a do Corvo.

OUROUBOU-ANPAN (fl. 183 v.) Principal... qui veut dire le Corbeau enflé. — Será *Urubú-anan*, de *urubú* (Vide *Ouroubou*); *anpan* talvez esteja por *anan* grosso.

OUROU-COU (fl. 226) arbre... Il porte un fruit qui est remply de petits grains rouges, dont les Indiens se servent pour la teinture. — *Urucú*, o vermelhão (*Bixa Orellana*, Linn.). — Baptista Caetano explica de várias maneiras; mas considerando-se o destino que davam ao vegetal, ou melhor

ao seu fructo, parece-nos razoavel derivar o nome de *ub-rocú* pinta pernas. — Tambem diziam *rucú*, com *r* brando. (Vide *Roucou*).

OUROUOURÉA OUËSSOU (fl. 233) oyseau de proye. — *Urucurea-guaçu*. Falconidas (*Pulsatrix pulsatrix*, Wied). — O nome é em parte onomatopaico porque a ave, ao parecer dos ornitologistas, pronuncia as syllabsa *curú-rurú-tutú*.

OUROUTAGOUY (fl. 240) oyseau. *Urutauti*. Caprimulgidas (*Nyctibius jamaicensis*, Gm.). — De *urú* ave (gallinaceo em geral), *táu* phantasma, e *t* pequeno.

OURY IOUUE (fl. 244) poisson... qu'il est tout iaune. — *Gurijúba*, peixe do mar, que penetra nos rios por occasião da desóva (*Tachysurus luniscertis*, Cuv. et Val.). — Tambem conhecido pelos nomes de *Bagre-gury* e *Cangatá*. — De *guiri*, nome generico dos bagres, e *yuba* amarello.

OURY-OUËSSOU-CUPÉ (fl. 185) village... c'est à dire le lieu où sont les *Machorans*, poisons ainsi nommez. — Será *Guiri-acú-cupé* onde jazem os *guiris* grandes, o pescadouro dos *guiris*; *guiri* é o nome tupi dos bagres, e *cupé* é a locativa, exprimindo o *ubi*. (Vide *Oury*).

OUSSA (fl. 248) cancre. — *Uçá*, ou caranguejo legitimo; crustaceo brachyuro (*Oedipiteura cordata*, Latr.). — De *ub* perna, *eçá* olhos: olhos de pernas, ou podophthalmos. como traduziu Baptista Caetano.

OUSSAPEUE (fl. 248 v.) cancre. — *Uçá-péba*, o *uçá* chato, caranguejo desconhecido.

OUARAM (fl. 244 v.) poisson. — *Ubarana*, peixe do mar (*Bagres reticulatus*, Kner.). — Maregrav traz *Vubarana*. — De *yba* páu, rana semelhante.

OUYĀNANS (fl. 189) Indiens. — Será *Guianás*, tribu indigena difficil de identificar. — *Goyandás* occorre em Berredo.

OUYRA-ESSA-OU'ASSOU (fl. 148) Principal... qui signifie l'œil du grand oiseau. — Será *guirá-egá-guacá*, como no texto.

OUYRA-IOUP (fl. 234) oiseau. — *Guarajuba*, Psittacidas (*Conurus guarouba* Gm.). — De *guirá* passaro, *yuba* amarello.

OUYRA OU'ASSOU (fl. 232 v.) oiseau de proie. *Uiracá*, nome commum a duas especies de Falconidas: *Thraupetus harpya*, Linn., e *Morphnus gualanensis*, Daud. — De *guirá* passaro, *açú* grande.

OUYRA OU'ASSOU-ON (fl. 232 v.) oiseau de proie. — Será *guirá-açú-una* passaro grande negro.

OUYRA OU'ASSOU-PINIM (fl. 182 v.) Principal... C'est à dire le grand oiseau de proie, bigarré de diverses couleurs. — Será *Guirá-açu-pinima*, passaro grande pintado, pontuado, salpicado de pintas ou pontos.

OUYRA-OU'ASSOU-POUYTAN (fl. 232 v.) oiseau de proie. — Será *guirá-açu-pitanga* passaro grande vermelho.

OUYRA OUPA (fl. 319) deux Estoilles... c'est à dire les deux œufs. — *Guirá-rupin* ovos de passaro. — Devem ser Castor e Pollux, α e β da constellação dos Gêmeos. (Vide *Yandoutin*).

OUYRAPAPPEUP (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire l'arc plat. — *Guarapapéba*, de *garapar* arco (Vide *Ouyrapar*), e *péba* chato, como no texto.

OUYRAPAR (fl. 288 v.) arc. — *Guarapar*, de *guará* por *ybyrá* páu, *apar* torto, encurvado.

OUYRAPAR OUSSOU (fl. 168 v.) Principal... qui signifie le grand Arc. — *Guarapar-açu* arco grande, como no texto.

OUYRAPIUE (fl. 12 v.) guerrier Indien... qui signifie en nostre langue Françoise Arbre sec. — Será *ybyrá-ypi*, do *ybyrá*

arvore, pãu e *ypi* secco (agua, seiva tirada), accórde com o significado do texto.

OUYRATOUITAN (fl. 183) Principal... c'est à dire le Brésil. — *Ibyrapitanga*, Leguminosa (*Cesalpinia echinata*, Linn.). — De *ybyrá* pãu, arvore, *pitanga* vermelho; altera-se *ibirapitan*, *ibirapuitan*, *imirapitan*, etc. Yves d'Evreux refere-se a esse principal cujo nome escreve *Ybouira Pouitan*.

OUYRA RASOY (fl. 233 v.) oyseau... Il enfile et relève souvent-fois les plumes et en fait une roué autour de sa teste non plus ne moins que les Paons font de leurs queue, estãl fort plaisant à voir pour l'admirable variété de ses couleurs. — Será, de accordo com o texto, *Guirã-aruaí*, ou simplesmente *Aruai*, como hoje é conhecido o *Psittacus (Conurus leucophthalmus*, Muell.). — De *guirã* passaro, e *aruaí* (de *aro* sorrir, *ai* mal) chocarreiro, gracejador, motejador, como expiica Baptista Caetano.

OUYRARO KAY (fl. 283 v.) poullatier. — *Guyrarócai* gaiola, galinheiro. — De *guirã-r-úca-t* de aves casa pequena.

OUYRA-TAIN-EUM (fl. 236) perroquet. — Talvez *Guirã-tat-in* passaro tenro pequeno, avesinha molle, para designar a *Psittacula passerina*, Linn., que na nomenclatura vulgar é ainda baptisada por *Tui-tirica*, *Cú-cosido*, *Cú-tapado* e *Tapa-cú*.

OUYRATA OUYRAN (fl. 232 v.) oyseau de proye. — Será *guirã-atã-guiran*, difficil de interpretar, como de identificar, pois se em *guirã-atã* temos passaro ou ave forte, para *guiran* não achamos explicação.

OUYRY (fl. 244) poisson. — *Guiri*, nome commum dos bagres, talvez connexo com *cyrú*, por terem esses peixes a pelle lisa, escorregadia.

OUYTIN (fl. 187) Principal... c'est à dire la farine blanche. — *Uy-tinga* farinha branca, como se traduz no texto.

OUYTY (fl. 225) arbre. — *Oiti* ou *Guitt* dos escriptores antigos; nome commum a algumas arvores da familia das Rosaceas. Ha nos autores varias etymologias; preferimos, porém, derivar o vocabulo de *yb* arvore, e *ti* branca, porque tem as folhas alvacentas quando em estado novo.

P

PAC (fl. 96 v.) especie d'animal. — *Paca*, o roedor *Dasyproctidas* (*Coelogenys paca*, Linn.). — De *pág* acordar, despertar, exprimindo o gerundio-supino a esperta, a vivida. — As caxinauás não comem paca para poder dormir. (C. de Abreu, *rã-tã hu-ni-ku-i*, pag. 127).

PACAIARES (fl. 189) Indiens. — *Pacajás*, tribu indigena que habitava o rio deste nome. — De *paca*, o roedor (Vide *Pac*), e *yá* chamado, de nome, que tem nome de *paca*. O rio *Pacajá* tomou o nome dessa tribu.

PACAMO (fl. 246) poisson. — *Pocamão* ou *Pacamão*, peixe d'agua doce, Siluridas; a especie mais vulgar no Norte é a *Lophiosilurus alexandri*, Steind. — Segundo Marcgrav, *Enxaroco* em portuguez. Difficil de explicar.

PACOURY (fl. 222) arbre. — ... Son fruit est gros comme deux poings qui a la peau epaisse d'une demi poulce la quelle est tres bonne confitte & est meilleure à manger estant cuitte. — *Bacuri*, Guttiferas (*Platonia insignis*, Mart.). — Talvez de *ybá* fructu, *curi* de alimento.

PACOURY-EUUE (fl. 185) village... qui signifie l'arbre de *Pacoury*. — *Bacuri-yba*, conforme á definição do texto.

PACOURYPANAM (fl. 188) village... qui veut dire les feuilles des *Pacoury*. — Será *Bacuri-paná*, mas *paná* não tem a significação de folha.

PACQUARABEHU (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire le ventre d'un *pac* pleine d'eau. — Talvez *Pacauarabay*, que de accordo com a explicação do texto, derivaria de *paca* o roedor, *quaraba* o que é furado, ou ôco, o ventre, e *y* agua.

PAGÉ (fl. 122 v.) Barbier. — *Pagé*, o medico, o curandeiro, o feiticheiro, o mestre artifice, magister artium. — Léry escreveu *paijé*; Hans Staden *paygi*; nos escriptos modernos occorre *piaya*. — Entre outras explicações que o vocabulo comporta, preferimos a de Baptista Caetano, derivando-o de *pa-yé* aquelle que diz o fim, o propheta, que era a sua definição mais geral.

PAIOURA (fl. 223 v.) arbre. — *Pajurá*, Rosacea (*Parinarium montanum*, Aubl.). — De *yba* fructo, *yurá* solto?

PANAN-PANAM (fl. 255) Papillon. — *Paná-paná*, nome generico do tupi para a borboleta. — Freqüentativo de *pan* bater: bate-bate.

PANAPANAN (fl. 246) poisson. — Será *Panapaná*, como occorre em Gabriel Soares. — Na nomenclatura vulgar não se encontra mais esse nome para designar um peixe.

PANNACON (fl. 319) Constellation faite comme un long pan-nier. — *Panacúm*, difficil de explicar. — As etymologias que dá Baptista Caetano, tanto no *Vocabulario da Conquista*, como nas *Notas aos Indios do Brasil*, de Fernão Cardim, não nos parecem aceitaveis.

PANYANÁIOU (fl. 246) poisson. — Talvez *Panianajú*, difficil de identificar, pois não se encontra na nomenclatura.

PARANAN EUOUARE (fl. 260 v.) c'est à dire les habitans de la mer. — *Paraná-quára*, de *pará-ná* similhante ao mar, parente do mar, o rio grande, e *quára* habitante, morador. — No tupi costeiro *paraná* significa tambem o mar.

PARAGUÁ (fl. 235) perroquet. — *Paragud*, nome generico dos Psittacidas, especialmente do genero Amazona. — Occorre em Maregrav *Paragua*. — De *apir-aqua* bico de volta ou bico adunco.

PARUVY (fl. 244 v.) poisson. — *Parati*, um dos nomes dados á Tainha (*Mugil albula*, Linn.). — De *pyrá* peixe, ti branco.

PAROU (fl. 245 v.) poisson. — *Paró*, peixe do mar, *Peprilus paru*, Cuv. — Difficil de explicar.

PATOUÁ (fl. 283 v.) coffre. — *Patuá*. — Deve ser contracção de *patiqua*, como escreveu Maregrav. Porque era o cesto que as mulheres traziam ás côstas, amarrado á cabeça, com os pertences da rêde, pôde explicar-se por *hapati-guá* o que pertence á rêde ou cama, segundo Baptista Caetano.

PATOUÁ (fl. 119 v.) nom d'un Indien. (Vide o que precede.)

PATATE (fl. 229) racine. — *Batata*. Solanacea (*Solanum tuberosum*, Linn.). — Esse vegetal util foi assignalado desde os primeiros dias da conquista. Humboldt (*Essai Politique sur le Royaume de la Nouvelle Espagne*, 2ª edição, Paris, 1827, vol. II, pags. 471) refere *apud* Gomara, que Colombo após seu regresso da primeira viagem ao reino, quando compareceu perante a rainha Isabel, lhe offereceu grãos de milho, raizes de inhame e *batatas*. — Oviedo (*Historia General y Natural de las Indias*, Madrid, 1851, tomo IV, pag. 594) dá como voz do Haiti e outras comarcas.

PAY ÉTÉ (fl. 58) grand Prophete. — *Pay* padre, sacerdote, frade, e *eté* verdadeiro, legitimo. — Os guaranis tambem usavam essa expressão com significado correlato. *Pay* será talvez de origem portugueza ou espanhola; na lingua existe *tub* ou *tuba* para dizer o pac, e *abaré* homem differente, para designar o padre, sendo esse ultimo vocabulo de acquisição cultural.

PEKÉY (fl. 225) arbre. — *Pequí*, Sapindacea (*Caryocar brasiliensis*, St.-Hil.). — De *pé* casca, *quí* aspera, espinhenta.

PERO (fl. 68) c'est à dire Portugais. — *Peró*. — E' vocabulo que não pertence á lingua tupi. Entre os chronistas e historiadores do Brasil ha larga discussão quanto a sua origem. Remettemos quem pelo assumpto se interessar ao magistral artigo de Candido Mendes de Almeida (*Notas para a Historia Patria* — in *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XLI, parte 2ª, pags. 7 usq. 111), onde o problema historico-etymologico é estudado com muita lucidez, e onde se encontra uma completa ressenha bibliographica a respeito.

PICASSOU (fl. 242 v.) oyseau. — *Picaçú*, como vem em Gabriel Soares. Columbidas (*Columba plumbea*, Vieill.). — Por contracção de *pycui*, nome generico das rolas, e *açú* grande. — Especifica-se *tinga* branco.

PINARÉ (fl. 178) riviere. — *Pindaré*, de *pindá* (Vide o que segue), e *ré* diverso, differente.

PINDA (fl. 307 v.) hameçon. — *Pindá*, anzol, aquillo com que se fiska, talvez do participio de *pin* fisgar, agarrar.

PINDO (fl. 66) Palmiers. — *Pindó* ou *Pindóba*. De *pin* raspar ou alisar, e *tob* folha, que tal era seu primitivo destino. — O abrandamento do *t* em *d* é muito frequente.

PINDOTEUUE (fl. 186 v.) village... c'est à dire la place des Pindo. — *Pindotiba*, de *pindó* (Vide *Pindo*), e *tiba* em abundancia: palmeiral, palmetum.

PIRAIN (fl. 157 v.) ciseau. — *Piranha*, de *pir* pelle, *ãi* córta; tesoura, tenaz.

PIRA IYUA (fl. 157 v.) Principal. — *Piragybá*, de *pirá* peixe, *yubá* braço: braço de peixe, a barbatana. — Knivel, nas *Peregrinações*, refere-se a um principal potiguára, que denomina *Piraiuwath* em sua linguagem e traduz por espinha de peixe, *Pirajuá* ou *Piragibá* na lingua propria, o qual com os seus poz cerco em 1602 á cidade do Natal,

onde se achava Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór da Parahyba, que chamou em seu soccorro Manuel de Mascarenhas; os indígenas foram desbaratados, e *Pirajud* pediu paz e baptismo. Knivet encontrava-se na occasião em Pernambuco, para onde o transportara do Rio de Janeiro, em Agosto de 1601, Salvador Corrêa de Sá, o velho.

PIRA-PANEN (fl. 318) Estaille du soir. — *Pirá-panema*, de *pirá* peixe, *panema* escasso, falho. — Os guaranis chamavam *Pirá-pané* ao planeta Mercurio, a cuja influencia attribuiam a falta de peixe em dadas monções.

PITOM (fl. 223 v.) arbre. — *Pitomba*, Sapindacea (*Sapindus edulis*, St.-Hil.). — Difficil de explicar.

PONNARÉ (fl. 251 v.) espece d'animal. — *Punaré*, rato silvestre, dotado de grande cauda peluda e amarellada. — Difficil de explicar.

POTIRY (fl. 241 v.) oyseau. — *Paturí*, nome dado aos Anseres, particularmente ao *Nomonyx dominicus*, Linn. — Difficil de explicar.

POTIU (fl. 318 v.) Constellation, c'est à dire Cancre. parece qu'elle est composée de plusieurs Estailles en forme de Crabes ou Cancre de mer. — *Poti*. — Deve ser Cancer, um dos doze signos de zodiaco; *poti*, entretanto, é o nome tupi do camarão, decapodo macruro. — De *po* mão, *ti* pontuda, aguçada.

POTYIOU (fl. 70) lieu. — *Potingy* ou *Potengy*, rio, no Rio Grande do Norte. Em Maregrav *Potiúi*. — De *poti* camarão, e *y* rio.

POUPOYH-POUPOYH (fl. 139 v.) oyseau nocturne. — Será *Pupoi-pupoi*, designação onomatopáica de alguma ave que a literatura não conservou.

POURAKÉ (fl. 246 v.) poisson. — *Poroquê, Poraquê* ou *Puraquê*, o peixe electrico (*Gymnotus electricus*, Linn.). — De *po* mão, e *roké* faz dormir, entorpece, conforme Baptista Caelano.

POUYSSA (fl. 307 v.) rel. — *Puçá*, rêde, renda, crivo, talvez participio de *pug* furar, o furado, o esburacado.

PYIAUE OUXSSOU (fl. 247 v.) poisson. — *Pidba-açú*, peixe d'agua doce, do genero *Leporinus*. — De *pid-bae* o que é manchado ou pintado.

PYRA COTIARE (fl. 247 v.) poisson... tout rayé de gris et de blanc. — Será *Pirá-cuatidra* peixe riscado, listado, que a nomenclatura moderna desconhece.

PYRA COUËVE (fl. 244 v.) poisson. — *Pirá-codba*, peixe do mar, quiçá o *Polynemus americanus*, Cuv. et Val. — De *pirá* peixe, *codba*, participio de *codub* conhecer, saber, exprimindo o sabedor, ou o astuto, como traduziu Martius (*Glossaria*).

PYRAIN (fl. 247) poisson. — *Piranha* (*Pygocentrus*). — De *pirá* peixe, *ãi* corta (Vide *Pirain*).

PYRA-ON (fl. 243 v.) poisson... qui est long plus de six pieds, et plus gros qu'un baril: il a les escailles toutes noires, grandes comme la main. — *Piráuua*, nome que foi substituido geralmente pelo de *Méro*, peixe do mar (*Epinephelus morio*, Licht.). — De *pirá* peixe, *ua* negro.

PYRA-PRM (fl. 244) poisson. — *Pirapema*, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.). — De *pirá*, peixe, *pema* chato. E' o *Camurupi*, do Maranhão para o Sul. (Vide *Camouroupouy*).

PYRA-PYNIM (fl. 247 v.) poisson... il est tout blanc sauf la teste qui est bigarrée, et la queue toute rouge. — Será

Pirapinima, peixe pontuado, salpicado de pontos ou pintas.—O nome não mais occorre na synonymia vulgar.

PYRAUUA (fl. 377 v.) nom d'un Indien.—*Pirababá*, que seria a restauração graphica do vocabulo, é difficil de explicar; quiçá *Pirabôbê* peixe volante ou voador.

Q

QUATTIARE-OUSSOU (fl. 184 v.) Principal... la grande lettre.—*Quatidra-uçú*, de *quatidr* riscos, desenhos, pintura, escripta, letra, e *uçú* grande.

R

RAYRY (fl. 348) village.—Póde ser *Ayry*, nome de palmeiras (*Astrocaryum airy*, Mart., sp. var.), abundantes na região.—De *uá* por *ybá* fructo, y agua: fructo que tem agua.

RENARY (fl. 359) nom de lieu.—Difficil de explicar, como de identificar.

RERY (fl. 204) huitre.—*Irirí, riri, reri* ou *leri*, a ostra, molusco lamellibranchio, de que se conhecem no Brasil duas especies principaes.—O nome tupi, difficil de explicar, não prevaleceu na nomenclatura zoologica; na toponymia apparece em *Leritiba*, logar na costa do Espirito-Santo, que significa ostra em abundancia, ostreira, e em *Lerí*, praia no Rio de Janeiro, que nada tem que ver com Léry, o autor da *Histoire d'une voyage fait en la Terre du Brésil*. Cumpre notar que o *r* tupi sôa tão brandamento que se confunde com o *l*.—Os tamoyos acharam graça em Léry ter nome de ostra.

ROUCAN (fl. 80 v.) une forte place.—Talvez *Suacan*, de *çob*, animal, *acan* cabeça.

ROUCOU (fl. 208 v.) espece de teinture.—*Rucú* ou *Urucú*, o vermelho ou achiote do Mexico (*Bixa Orellana*, Linn.).

- ROURONBEUUE (fl. 187) Principal... qui signifie un arbre piquant. — Conforme á definição, seria *yá* espinho, *yba* arvore. Difficil de identificar.

S

- SAGOUY (fl. 252 v.) sorte de Monnes. — *Sagui* ou *Saguim*, pequeno simio da familia Hapalidas, que comprehende os generos Midas e Callithrix. — De *eçá* alhos, *coi* que mechem, vivos, buliçosos.
- SALIAN (fl. 242) oyseau. — *Seriéma*, Microdactylidas (*Microdactylus cristatus*, Linn.). — Maregrav, por falta da cedilha traz *Cariamá*, como está nos outros naturalistas antigos. — De *çaria* crista, *am* erguida, levantada, em pé; por intercorrência de *Enu* se fez *Seriéma*, ou *Sariéma*, como tambem apparece algumas vezes.
- SAPAIOTI (fl. 252 v.) Monne... d'un poil iaunaître meslé de diverses couleurs. — *Sapajú*, macaco pequeno (*Cebus flavus*, Linn.). — De *cui* (um dos nomes dos Cebidas, que explicam por *eçá-i* olhos pequenos), *pá* todo, *yáb* amarello.
- SARAPÓ (fl. 247 v.) poisson. — *Sarapó*, peixe d'agua doce (*Sternopygus carapo*, Linn.). — Segundo Sampaio, de *çará-pó* desprende mão, ou, o que escapa ou escorrega da mão.
- SAUIA (fl. 238 v.) oyseau. — *Saviá*, nome generico dos Turdidás. — De *haabia*, contracção de *had-pyi-hár* aquelle que resa muito, conforme Baptista Caetano.
- SAUIA (fl. 251 v.) espece d'animal. — *Sauia*, roedor (*Mesomys ecaudatus*, Wagner). — Em Gabriel Soares *saviá*.
- SCATÉUM (fl. 286) c'est à dire chiches et avaritieux. — *Cecatayma*, como está nos dictionarios tupis, correspondente ao guarani *tacatey*, absoluto de *acatey*, de *acáb* brigar, *tey* sem cessar, alda: teimoso, rusguento; mesquinho, parco, avarento.

SEICHOU (fl. 316 v.) la Poussiniere qu'ils connoissent bien. —

Eichú, a abelha mestra, de *ci-hub* busca mel, ou pae do mel, conforme Baptista Caetano. — Por esta dicção se vê a comunidade de idéas entre os tupis do Norte e seus parentes do Sul, que também davam o nome de *Eichú* á constellação das Pleiades ou Setestrello.

SEICHOU-IOURA (fl. 316 v.) une constellation de neuf Estoilles disposées en forme de gril laquelle leur presagie les pluies. — *Eichú-jurá* girão da abelha.

SENENBOY (fl. 248 v.) lezarde. — *Senembí*, o lacertilho (*Iguana tuberculata*, Laur.), em algumas partes do Brasil chamado impropriamente *Camelão*. — Occorre em Marcgrav *Senemby*. — De *cér* amigo de, *nhemby* soprar, ser soprado, o papa-vento, que é também um de seus nomes vulgares.

SERACOUPOUYTAN (fl. 238 v.) oyseau. — Será *Saracurapuitan*, algum Rallidas. — De *çara* espiga, *cur* comer, tragar, engulir: o que come ou traga espiga; *puitan* ou *pitanga* vermelho.

SEROUÉUÉ (fl. 186 v.) Principal... c'est à dire un oyseau qui emporte son petit en l'air. — Conforme á graphia do texto será *Serobébé*, de *çóó* animal, e *bébé* que vóa, volante. — Se não se tratasse de ave, que não conseguimos identificar, poderia esse nome reportar-se com mais propriedade ao marsupio *Soriqué* ou *Sarué*. Note-se que na Historia da colonização do Norte figura um principal potiguára chamado *Cerobabé* ou *Sorobabé*, ou ainda *Zorobabé*, que no Rio Grande do Norte, por intervenção dos Pabres da Companhia de Jesus, celebrou pazes com Manuel de Mascarenhas, em 1599 e em 1602. Como não inspirasse confiança aos portuguezes, estes o levaram na expedição de 1603 para a Bahia, de onde não voltou. Nas *Memorias Diarias*, de Duarte de Albuquerque Coelho, ha um *Juru-*

babú, que Candido Mendes de Almeida pretende identificar com esse chefe potiguára.

SEHYEU (fl. 186 v.) village... c'est à dire la Crabe platte, qui est une espece d'escrevice de mer. — *Serigu*, de *seri* (Vide *Siry*) e *gy* rio.

SINY (fl. 248) cancro. — *Seri* ou *Sirí*, nome generico dos crustaceos brachyuros da familia Portunidas. — De *ci-m* liso fluir: deslisar, afastar-se, andar para trax.

SO OUËSSOU CAË (fl. 187) Principal... qui signifie la biche boucannée. (Vide *SouËssou-Caë*).

SOUËANRAN (fl. 317) une grosse Estoille merveilleusement claire et luisante. — *Uam-rana*, de *uam* pyrilampo, vagalume (*Melacodermidas*), e *rana* semelhante, parecido. — E' a estrella *Sírius*, a mais clara e resplandescnte do firmamento.

SOUËSSOU (fl. 249) Cerf, Chevreul. — *Suaçú*, nome com que designavam o veado, tambem applicado á cabra o carneiro com algum qualificativo. — De *çóó* animal, em geral, a caça, e *açú* grande; o veado, que era a caça por excellencia.

SOUËSSOU-ARAN (fl. 182) Principal... qui signifie la teste de biche. — *Suaçú-acan*, de *çóó-açú* veado, *acan* cabeça, como no texto.

SOUËSSOU APAR (fl. 249) Cerf. — *Suaçú-apára*, o veado galheiro (*Blastocerus paludosus*, Desm.). — De *çóó-açú*, o veado, e *apár* vergado, curvo, de referencia á armação.

SOUËSSOUËRAN (fl. 251 v.) espece de Leopard. — *Suçurana* ou *Suaçurana*, o felino (*Felis concolor*, Linn.). — De *çóó-açú* caça grande, o veado, e *rana* semelhante, parecido.

SOUÁSSOU CAË (fl. 186 v.) Principal... qui signifie la biche boucannée. — *Suaçú-caen*, de *çóó-açú* veado, *caen* secco, ou assado a fogo lento sobre grelhas.

SOU OUÁSSOU AC (fl. 140) nom d'un Indien. (Vide o que segue.)

SOU OUÁSSOU AC (fl. 143) qui signifie un Cerf à corne, ou Cerf cornu. — *Suaçú-áca*, de *çóó-açú* veado, *áca* corno, chifre, ponta: corno de veado seria o nome do índio de folhas 140, e não veado de corno ou cornudo, como quer o texto.

SOUBOUTY (fl. 247) poisson. — *Surubí* ou *Surubim*, nome que designa duas espécies de peixes d'água doce, pertencentes à família Siluridas. — De *çurú-bi* pelle lisa, ou de escorregar, conforme Baptista Caetano. Aliás *surubí* inclui a idéa de pintado, ou salpicado de pintas: *boi surubí*; mas neste sentido nada vem nos dicionários.

SYMBIARE RAIEUBOIRE (fl. 316 v.) une constellation disposée comme les machoires d'un cheval ou d'une vache, laquelle est pluvieuse... c'est à dire machoire. — Devem estar assás alterados estes dois vocabulos; seguindo approximadamente o texto, teríamos *tenihaba* ou *tinoaba* queixada, mandíbula inferior, por *symbiare*, e *rapichára* semelhante, que se parece, em vez de *raieuboire*. Mas os termos de G. d'Abbeville se afastam tanto dos que indicamos, que só o fazemos *sub reserva*, embora se não encontrem no tupi outros que melhor correspondam à interpretação do texto.

T

TABACOURA (fl. 274) iartieres. — *Tapacurd*, ligas, cenojiles, occorre no *Tesoro*, mas não lhe achamos explicação. G. d'Abbeville diz que as usavam os homens e as raparigas, sendo as destas feitas de fios de algodão, sem mais ornatos, como as daquelles. E isto é que difficulta a explicação, porque, se fossem postas sómente nas donzellas nubes,

conforme era costume nas tribus tupis do Sul, seria aceitavel o étymo de Baptista Caetano, por *ta* ou *tari-pe-có* em estado de se tomar, e *ri* signal, marca.

TABAIARES (fl. 158 v.) Indiens. — *Tabajáras*, de *taba* aldeia, *yára* senhor: os senhores das aldeias, os aldeões. — *To-hayára*, que occorre em outros autores, significa o que está na frente, fronteiro, estrangeiro, advena, inimigo.

TABOUÇOUROU (fl. 175) riviere. — *Itapecurú*, na toponymia actual. Nas chronicas e mappas antigos se escreve variamente: *Tapocurú*, *Tapucurú*, *Itapocurú*, *Itapucurú*, *Itapicurú*, etc. Essa diversidade de graphias difficulta sobremodo a explicação etymologica do vocabulo. Muitos são os étymos que se encontram nos autores, desde Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, Martius, Henriques Leal e Candido Mendes; mas nenhum delles é aceitavel. — Parece-nos, considerando a fórma actual como a verdadeira, que se póde derivar o nome de *itapé* pedra chata, lage, e *curú* cascalho, seixo, exprimindo seixos de lage, tanto mais admissivel quando se sabe que o rio apresenta em sua fóz e ao longo de seu curso trechos pedregosos e encachoeirados, onde é natural a occurencia de fragmentos de schisto, que têm aquellas denominações vulgares.

TABOUÇOUROU EUGOUËNE (fl. 261) les habitans de Taboucourou. — *Itapecurú-quára*, de *Itapecurú* (Vide *Taboucourou*), e *quára* morador, habitante.

TACOUËNT (fl. 289) sorte de fleche. — *Taquára*, nome generico das Bambusaceas e Arundinaceas. — De *taquár* o furado, o óco. Considerando, porém, o uso que lhe davam como pontas de flechas, póde-se admittir o étymo de Baptista Caetano, de *t-aqua-r* o que tem ou dá pontas.

TAEVOUËMO (fl. 188) village... c'est à dire le fruit noir. — Impossivel de explicar com a definição do texto.

TATA OUASSOU (fl. 229 v.) racine. — *Tayabuçu*, o inhame (Colocasia). — De *táya*, absoluto de *ái*, ácido, acre, e *á*, sufixo que diz feito de, formado de, consistente de, e *buçu* grande. — O nome *táya* é dado a varios *Caladiums* e *Colocasias*.

TATAPOUAN (fl. 185) Principal... c'est à dire une grosse racine. — *Tayapouam*, de *táya* (Vide o que precede) e *apouam* redondo.

TAKER (fl. 228 v.) plante (Vide *Kaker*).

TAMANDOUX (fl. 249 v.) espece d'animal. — *Tamandú*, nome dos desdentados da familia *Myrmecophagidas*, de que se conhecem no Brasil tres especies. — De *tá*, contracção de *taci* formiga, e *monduar* caçar. Baptista Caetano acha difficil admittir a contracção de *taci* em *tá*, tanto mais quanto directamente se tem *taci-quára* comedor de formigas, e aventa a possibilidade de *tama* de pêllos, e *uguai* cauda, facil de mudar em *nduai*. Sampaio diz que *tá* é radical de muitos nomes designando insectos, formigas, etc.

TAMANDOUXY (fl. 188) Principal... qui signifie l'Elephãt. — *Tamandú-t*, o desdentado (*Myrmecophaga didactyla n-color*, Linn.). — De *tamandú* (Vide o que precede) e *t* pequeno.

TAMATIAN (fl. 241) oiseau. — *Tamatá*, Ardeidas (*Cancroma cochlearia*, Linn.). — Deve ser alteração de *tmatitá* o que tem bico de gancho.

TAMANO (fl. 183) Principal... c'est à dire pierre morte. — Seria *itá-manó*, se *manó*, em vez de verbo intransitivo morrer, ficar morto, fosse participio, ou adjectivo, que qualificasse *itá* pedra. Não sendo assim, é inaceitavel a interpretação do texto.

TAMARY (fl. 252 v.) espece de monne. — Nome que não se encontra na nomenclatura zoologica, por isso mesmo impossivel de identificar, como de explicar.

TAMOATA (fl. 247 v.) poisson. — *Tamoatá*, nome commum aos peixes da familia Callichthydas. — Explica-se variamente; preferivel, como o nome tambem occorre sob a fórma *camboatá*, por *cadbo o-atá* o que anda pelo mato, porque esses peixes, dotados de fachos papillosos ricamente vasculares, que lhes servem para a respiração, podem perambular livremente por terra, quando pretendem mudar de aguas.

TANGARA (fl. 365) nom d'un Indien... c'est à dire l'escaille d'huitre. — *Tangará* por *tambacurá*, de *tambá* ostra, mexilhão, e *cará* casca.

TAOUXTO (fl. 233) oyseau de proie. — *Tauató*, nome generico dos gaviões (Falconidas), que especificam: *t* pequeno, *oby* de cor cinzenta, *yúb* de cor amarella, *pitan* de cor vermelha, *pará* variegado, etc. — Em Gabriel Soares *Tóató*.

TAPEROUSSOU (fl. 184 v.) village... c'est à dire le grand vieil village. — *Taperuçu*, da *tapera*, contracção de *tába* aldeia, e *péra*, suffixo nominal, exprimindo a aldeia que foi, aldeia extincta ou abandonada, e *uçú* grande, conforme á definição do lexto.

TAPITY (fl. 251) espece d'animal. — *Tapettí*, o coelho silvestre, roedor (*Lepus brasiliensis*, Briss.). Sem explicação.

TAPITY (fl. 319) constellation... c'est à dire lievre, d'autant qu'elle contient plusieurs Estoilles en forme d'un Lievre, aucunes desquelles sont disposées en maniere de longues aureilles au dessus de la teste. — *Tapettí* (Vide o que precede). — Quiçá a constellação da Lebre.

TAPOUY (fl. 131) Indiens. — *Tapuya*, que explicam variamente. Preferimos a interpretação de Burton, na introdução ao *The Captivity of Hans Stade*, pags. LXX, nota: de *tába* aldeia e *puva* fugir, isto é, os que fogem das aldeias, bárbaros, selvagens, inimigos.

TAPOUYTAPERE (fl. 157 v.) nom de lieu... qui est aussi le nom de toute la Province, signifiant la veille demeure des *Tapouys*. — *Tapuytapéra*, de *tapuy* o bárbaro, o gentio, e *tapéra* (Vide *Taperoussou*). — *Tapuytapéra* é a actual Alcantara.

TAPOUYTIN (fl. 298 v.) Les Anglais appellez... par les Maragnans. — *Tapuytinga* bárbaro branco. — Nos dicionários tupis de origem lusa *tapuytinga* é o francez.

TAPOUY TININGUE (fl. 187) village qui veut dire le long cheveux sec. — De accordo com a definição do texto, seria *ábatintug*, de *ába* cabello, e *tingug* secco. — Deve haver alli erro de escripta.

TAPYROUSSOU (fl. 209) vache brague. — *Tapiruçú*, a anta grande, vacca, boi, gado bovino.

TAPY TOUSSOU (fl. 156) village. — *Tapituçú*, que é variante orthographica do que precede.

TAPYYRE-ÉTÉ (fl. 250) Vaches braves ou Vaches sauvages. — *Tapira-eté* a anta (*Tapirus americanus*, Briss.). — O nome é susceptível de varias explicações, mas nenhuma satisfactoria; o suffixo *eté* verdadeiro, legitimo, serve para differenciar aquelle ungulado dos bovinos, que os tupis só conheceram depois do contacto europeu.

TAPYYRE-ÉURE (fl. 184) Principal...c'est à dire la fesse de vache. — Será *Tapira-ebi*, accôrde com a interpretação do texto.

TARA-GOUY-BOY (fl. 253 v.) especie de Lesard. — Talvez *Taraguy-bói*; mas, de conformidade com a descripção do texto, será *Taraguyra*, nome de um Iguanidas (*Tropidurus torquatus*, Wied). — O vocabulo *Taraguyra*, que nos dicionarios tupis significa lagartixa em geral, é difficil de explicar; para Baptista Caetano talvez se possa reportar a *tab-ri-coi* que mora na aldeia.

TAREHUBOY (fl. 253 v.) especie de serpent. — Talvez *Trahira-bói*. — Martius (*Glossaria*) menciona *Tarauygraboya*, e indaga: *Anguillae* sp. ? (Vide *Tarchure*, nome de um peixe); *mból* cobra.

TAREHURE (fl. 247) poisson. — *Trahira*, peixe d'agua doce (*Erythrinus tareira*, Cuv.). *Tareira*, em Gabriel Soares; *Tairaira*, em Maregrav. — De *ta-rcyí* arranca pélo, segundo Baptista Caetano.

TASSUR (fl. 256) fourmis fort et de couleur rougeastre. — *Taciba* (*Myrmica saevissima*, Bates). — De *tact* cortar, ferir, picar, e *ba* por *bae*, suffixo do participio activo; a que córta, ou fére, a cortadeira. *Tact* é nome generico da formiga na lingua tupi.

TATA ENDEUH (fl. 319 v.) grande Estaille brillante... c'est à dire le feu enflambé. — *Tata-rendy* luzir de fogo, facho, tócha, luminária.

TATA-OUËSSOU (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire le grand feu. — *Tata-guaçu*, com a significação do texto.

TATA OUYRA MINY (fl. 238 v.) oyseau. — Será *Tatá-guird-mirim*, passaro pequeno de fogo, ou cór de fogo, por sua plumagem rubra, algum Cotingidas, quiçá o *Phoenicercus carnifex*, Linn.

TATA OUYRA OUËSSOU (fl. 239) oyseau. — Será *Tatá-guird-açú*, passaro grande de fogo, ou côr de fogo, por sua plumagem rubra.

TATOU (fl. 96 v.) espece d'animal. — *Tatú*, nome generico dos Dasypodidas, que especificam: *t* pequeno, *guacú* grande, *eté* verdadeiro, *péba* chato, *apdra* arqueado, vergado, etc. — De *ta* casca, ou casco e *tú* encorpado, denso.

TATOU OUËSSOU (fl. 184) Principal... c'est à dire le grand Talou. — *Tatú-guacú* (*Dasypus*), como no texto.

TAUAPIAB (fl. 188) village... c'est à dire le village caché. — Será *Tabapiába* aldeia afastada, apartada, translatamente escondida, como quer o texto.

TAÜÄYUE (fl. 293 v.) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *tayyaib* activo, diligente.

TAUE (fl. 181 v.) le village. — *Taba*, de *tab* aldeia, povoação, o lugar onde pousam muitos.

TAUE AUÄRTÉ (fl. 97 v.) nom d'une Indienne. — Será *Taba-abarté* da aldeia homem verdadeiro, — algum virago quiçá.

TAYËSSOU (fl. 249) sanglier. — *Taiacú*, ou *Caitetú*, o ungulado (*Dicotyles torquatus*, Cuv.). De *tái* dente, *açú* grande, ou grosso.

TAYËSSOU, (fl. 184) Principal. (Vide o que precede).

TAYËSSOU-ÉTÉ (fl. 249 v.) sanglier. — *Taiacú-eté*, o ungulado (*Dicotyles labiatus*, Cuv.). — De *taiacú*, quod vide, e *eté* verdadeiro, legitimo.

TAYCOULOU (fl. 183 v.) Principal... qui est le nom d'un petit oyseau. — Será *Taicujú*, conforme á graphia; difficil de explicar, como de identificar a avezinha a que se refere.

TECOUËRE OUBOUÏH (fl. 106) nom d'un Indien. — *Taqudra-oby* taquára verde. As folhas 183 v. vem o significado de fluxo de sangue, que não tem explicação.

TEIOU OUËSSOU (fl. 248 v.) lezard. — *Tejuacu*, lacertilio (*Tupinambis teguixin*, Linn.). — De *tey* da tropa, da gentilha, ú comida, *açu* grande.

TERERE (fl. 184) Principal... c'est à dire le nom. — *Téra* ou *céra*, o nome, como no texto.

TETANËTOU (fl. 293 v.) c'est à dire un homme belliqueux, vaillant. — Talvez *tefecatú*, de *tefé* corpo, *catú* bom, forte, riço; o forçado, valido, valente.

TIMBOHU (fl. 120 v.) nom de lieu. — *Timbohy*, de *tímbó*, o vegetal (*Paulinia pinnata*, Linn.), e y rio.

TINGASSOU (fl. 317) Estoille... laquelle est comme la messagere ou avancouriere de laditte Poussiniere, paroissant toujours dessus leur orizon environ quinze jours avant icelle. — *Tingaçu* ave da familia das Cuculidas (*Piaya cayana*, Linn.). — De *ti* bico, e *açu* grande.

TINMOCOÛ OUËSSOU (fl. 246) poisson. — *Timucú*, peixe do mar (*Tylosurus timucu*, Walb.). Em Maregrav *Timbucú*, que os portuguezes chamavam *Peixe-agulha*. — De *ti* nariz, bico, focinho, e *mucú*, *bucú* ou *puçú* comprido, longo. — Com o qualificativo *guaçu* não é usado.

TOCOUËRT (fl. 85) qui est une sorte de flesche. (Vide *Tacouärt*).

TOKAI-OUSSOU (fl. 185) Principal... qui signifie le grand poulailler. — E' palavra mal graphada; ás folhas 283 v. está com a mesma significação, *Ouyraro Kay*, de que *Tokay* é simples alteração das duas ultimas syllabas; *uçú* grande. (Vide *Ouyraro Kay*).

TON (fl. 256) sorte de vermine. — *Tunga*, nigua ou bicho do pé (*Sarcopsylla penetrans*, Linn.). Léry escreveu *Tou*; Hans Staden *Attun*; Y. d'Evreux *Thon*. — Talvez de *tung*, participio de *û* comer: o que come. Este verbo inclui a significação de ferir, punçar, pungir, prurir, coçar, etc.

TOPYNAMBA (fl. 61 *et passim*) Indiens et sauvages. — *Tupinambá*. — Dos escriptores antigos o que mais se approximou da graphia tupi desse nome, entre os estrangeiros, foi C. d'Abbeville. Léry escreveu *Toïoupinambaoult*; Hans Staden *Tuppinambas*; Y. d'Evreux *Tapinambos*, etc. — O vocabulo tem sido explicado diversamente. Burton, na introdução ao *The Captivity of Hans Stade*, faz derivar o nome de *tupi-anama-aba* "people related to Tupis"; Sampaio, de *tupi-nã-mbá*, descendentes dos tupis. Qualquer das duas interpretações é satisfactoria tanto etymologica como ethnographicamente.

TOROIÉÉEP (fl. 183 v.) Principal... c'est à dire se chausser. — Talvez, por mal graphada, esta dicção não possa ter explicação plausivel, mais ainda com a traducção do texto. Qualquer restauração graphica seria hypothetica.

TOROUPE (fl. 95 v.) village. — Talvez *Turú*. D'Evreux dá *Trouu*. Laet copiou exactamente d'Abbeville, mas Bettendorf leu em sua relação *Torou ope*, que opinou ser *Turuppé*. — O nome *turú* é dado a animaes aquaticos, vermes, etc., e póde reportar-se, segundo Baptista Gaetano, a *toó-rú* devora ou queima carne.

TOROUPE (fl. 184 v.) village... le breuvage. — Talvez *Turuppé*, de *turú* (Vide o que precede), e *pe*, locativa, em, nos, exprimindo *nos turús*. — Em Laet, que copiou C. d'Abbeville, está *Toroipecp*, que Bettendorf leu *Toroipecb* e não entendeu, salvo se quizesse dizer *Turuppé*, que se appro-

xima da fôrma que demos. — A explicação do texto é inadmissivel.

TOUCAN (fl. 237 v.) oyseau. — *Tucano*, nome commum a diversas aves da familia dos Rhamphastidas. — Thevet, *Les Singularitez*, fl. 91, foi o primeiro a descrever a ave e a dar o nome indigena. — De *tu* por *ti* bico, *cang* osseo, conforme Baptista Caetano.

TOUCOMA-OU'ASSOU (fl. 188 v.) Principal... nom d'un fruit. — *Tucumá-guaçú*, palmeira (*Astrocaryum Princeps*, Barb. Rodr.). — De *tu-cú* espinho alongado (nome de varias palmeiras espinhentas), e *á* fructo, *guaçú* grande.

TOUCON-VUE (fl. 222 v.) palmier... remplies de longues pointes et espines aussi bien que le tronc de l'arbre qui en est environné. — *Tucamá*, a palmeira (*Astrocaryum tucuma*, Marl.). *Tucum*, de *tu-cú* espinho alongado, *á* fructo. — Conforme ao texto, seria *yba* ou *uba* arvore.

TOUCON-VUE (fl. 319) Estoille... d'autant qu'elle ressemble au *Toucon*, qui est un fruit du *Toucon-vue*. (Vide *Toucon-vue*). —

TOUIN (fl. 235) perroquet. — *Tuí* ou *Tuin*, nome dos Psittacidas pequenos, abrangendo no Brasil todo o genero *Brotheris*, que especificam: *mirim* pequeno, *açú* grande, *eté* verdadeiro, *pará* variegado, etc. — Se não fôr onomatopaeico, poderá derivar de *tu* por *ti* bico, e *i* pequeno, que é característico da ave.

TOUOUNOUCU (fl. 241 v.) oyseau. — *Tuyuyú* ou *Tujujú*, Ciconiidas (*Tantalus americanus*, Linn.). — De *tu* por *ti* bico. *yu-yú* (frequentativo) muito amarello.

TOUPAN (fl. 65 et passim) dieu. — *Tupã*, que entre as várias explicações contidas nos autores comporta a de *tub-ana*

pac alto, elevado, — accôrde com as idéas que desde cêdo introduzira a catechese.

TOUPAN-REMINIOGNAN (fl. 322 v.) c'est à dire Dieu faict cela.
— *Tupã-remi-monhâng* Deus o que fazer, Deus fez isto.

TOURY (fl. 324 v.) riviere. — *Tury*, difficil de explicar. E' tambem o nome de uma Rosacea (*Licania turiuva*, Cham. et Schlecht.).

TREMEMBEZ (fl. 189) Indiens. — *Tremembés*, indigenas que habitavam o litoral do Norte, desde a fôz do rio Camocim até a ilha do Maranhão, e que foram destruidos em 1679 pela expedição ao mando do mamaluco Vital Maciel Parente, filho natural de Bento Maciel Parente, o qual tinha o posto de capitão-mór. — Berredo, nos *Annaes Historicos*, chama-os *Taramambases*; Baena, no *Compendio das Eras*, dá-lhes o nome de *Taramumbezes*; mas a designação seria em principio *Tirimembés* (de que C. d'Abbeville fez *Tremembéz*) contracção de *tyriri-membé* agua ou liquido que se escôa mollemente, designando o local embrejado, ou encharcado, como era o *habitat* da tribu, conforme plausivelmente explica Sampaio.

TUPOY OUSSOU (fl. 184 v.) Principal... c'est à dire l'escharpe en laquelle les femmes portent leurs enfans au col. — *Tipóia-ucú*. — Querem alguns que *tipóia* seja palavra africana, usada nas tribus de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de cousas da Africa, ouviu no Brasil *Typpoy*, como escreveu. — Para Baptista Caetano, *tupói*, *tupái* ou *tipói*, literalmente, o que pende das coxas, é roupa pendente, rede de cobrir, etc.; *ucú* grande.

TUPUTAPOUDU (fl. 82) Principal. — *Tipitapucú*, ou *Tuputapucú*. — Difficil de explicar. Talvez o thema seja *tipiti* prensa para espremer o caldo da mandiôca, talvez *tepitá*

anus, sêso, um e outro qualificado por *pucú* comprido, longo, dilatado. — Note-se que as alcunhas individuaes eram quanto podia haver de arbitrario.

TURURUCOIRE (fl. 258) espece de vers... qui percent les navires & vaisseaux. — *Apud* Varnhagen (*Breves commentarios ao "Tratado Descriptivo do Brasil"*, de Gabriel Soares, — seria *terigóá*, um diptero que não conseguimos identificar. Os lexicos portuguezes trazem *teri de Góá*, especie de formiga, que certo não é o insecto de que se trata.

TUYVÄE (fl. 318 v.) constellation... composée de plusieurs Etoilles disposées en maniere d'un vieil homme tenant un baston à la main. — *Tuibacé* velho, ancião.

TYMBOHU (fl. 143 v.) nom de lieu. (Vide *Timbohu*).

U

VNAÜ (fl. 252) animal fort monstrueux... animal de peresse, — *Unáu*, *Bradypodidas* (*Cholæpus dadictylus*, Linn.). — Em *Marcgrav Vnau*. — Parece onomatopaeico. — E' nome em desuso na nomenclatura zoologica brasileira, onde foi substituido por *Al*.

VNAÜ OUËSSOU (fl. 252) animal monstrueux. — *Unáu-aquí* (Vide *Vnaü*). Com o qualificativo *aquí* grande, não se conhece nenhum *Bradypoda* na nomenclatura zoologica vulgar.

VPAON MIRY (fl. 57) islette. — *Ypaun-mirim* ilha pequena. E' a actual ilha de Sant'Anna, que, segundo C. d'Abbeville (fl. 59 v.), foi assim denominada pelo senhor de Rasilly por haver ahi aportado no dia da festa daquelle santa; por causa da condessa de Soissons, que se chamava Anna

e era parenta de Rasilly, informa Y. d'Evreux, circumstancia esta ultima que o nosso autor omitta.

VPEC (fl. 139) oye sauvage. — *Upéca* vem em Gabriel Soares; actual *ipéca*, nome do pato *Anas vituata*, Linn., e de outras aves nadadoras; de *y* agua, *péc* bater: bate a agua, nadador.

VSENOPOUYTAN (fl. 230) racine. — Deve ser *cepô-puitan* raiz vermelha.

VSSA-ÉTÉ (fl. 255 v.) fourmis gros comme le bout du petit doigt qui ont des aisles et volent par troupes. — *Içá* é a femêa da *Saúba* ou *Saúva*, formiga da familia *Attidas* (*Atta cephalotes*, Mayr). — Em certa época do anno, as *içás* virgens saêm dos formigueiros, aos bandos, a voar, para a cópula com os machos. — Com o qualificativo *eté* não se conhece mais.

VSSA-OUUE (fl. 255 v.) fourmis communs qui nichent dans des grosses mottes de terre qu'ils amassent. — *Saúba* ou *Saúva* (Vide o que precede). — De *içá* formiga, *yb* guia, chefe, principal.

VUA CAUE (fl. 223 v.) arbre. — *Ubacába*, uma Myrtaceae. — Gabriel Soares menciona. — De *yba* fructo, *cába* que fere ou pica. Os fructos, apesar de comestiveis, são adstringentes.

VUA-ÉEN (fl. 228 v.) sorte de Melon plus gros que la teste, tout verds par dehors & tout massifs par dedans: sa chair est blanche entremeslée de graines noires remplie de suc très doux et agréable. — *Yá-cém* cabaca ou fructa doce, a melancia (*Cucurbita citrullus*, Linn.).

VUA MEMBEC (fl. 222 v.) Será *Ybamembéca*, de *yba* fructo, *membéca*, molle, tenro.

VUA-OUÄSSOURAN (fl. 222 v.) arbre. — *Scrå Ybagaçurana*, de ybá fructo, *guaçú* grande, *rana* semelhante, parecido, falso ou esurio.

VUA PIRUP (fl. 224 v.) arbre fort haut & tout piquant. — *Guabiróba*, Myrtacea (*Abbevillea maschalantha*, Berg.). — De *guabi* ao comer, *rób* amargo.

VUA-VYIUU (fl. 224 v.) arbre. — *Guabijú*, Myrtacea (*Eugenia guabiju*, Mart.). — De *guabi* ao comer-se, *yú* amarello.

X

XÉ (fl. 283 v.) couteau. (Vide *Kessé*).

XEROUROU (fl. 204 v.) moule. — *Sururú*, mollusco lamellibranchio marinho (*Mytilus perna*, Linn.). — De *çod* carne, polpa, miollo, e *rurú* inchado, mucilaginoso, ádulo, porque era alimento preferido pelo indigena; nos sambaquis occorrem em abundancia conchas bivalvas desse mollusco.

Y

YABICHA (fl. 224) arbre... semblable au prunier: il a les fleurs iaulnes & le fruit comme les grosses prunes & tout iaune. — *Grumizama*, Myrtacea (*Stenocalyx brasiliensis*, Berg.). — Antigo *Guamizá*, *Gumizá*, etc. — De *guabi* ou *guami* ao comer-se, *çam* pegar, fazer liga: o que péga ao comer-se, alludindo ao fructo mucilaginoso que segura aos labios quando se come.

YACARANDA (fl. 223) arbre. — *Jacarandá*, nome commun a algumas arvores da familia das Leguminosas, divisão Papilionacea, das quaes a mais conhecida é o *Machærium incorruptibile*, Fr. Allemão, et Mart., *legale*, Benth. — De *y-acan-ratã* o que tem o miolo ou cerne duro. — E'

notável que o autor, tendo-se referido ás folhas, flores e fructos desse vegetal, não alludisse ás suas principaes qualidades.

YACARÉ (fl. 248 v.) crocodile. — *Jacaré*, nome dos Emydosaurios, que no Brasil pertencem ao genero Caiman. — De *y-echá-caré* o que olha torto, ou de banda, conforme Sampaio.

YACONDA (fl. 247) poisson. — *Jacundá*, nome commun a diversos peixes de agua doce da familia Cichlidas, genero Crenicichla. — De *ya-cundá* o que é torto, retorcido, ou revirado.

YANDAY (fl. 318 v.) certaine Estaille laquelle paroist toute rouge... lors que le Soleil se couche. — *Jandá*. (Vide *Yendí-oussou*).

YANDOU (fl. 242) oyseau. — *Nhandú*. Rheidas (*Rhea americana*, Linn.). — De *nhã* corre, *tu* estrepitante; ou alteração de *nhan* de correr, *ub* perna: a corredoura, a que corre muito.

YANDOU-ÅUE (fl. 275) grands panaches... falcia des plus grandes plumes d'Au-truche & autres grands Oiseaux dont ils se parent le derriere, les pendant avec quelque ceinture autour de leurs reins ou par le travers de leurs espauls avec quelque cordon en guise d'escharpe. — Será *nhanduaba*, de *nhandú*, a ema, e *aba* plumas, significando o cocar, o pennacho, como se diz no texto. — Note-se que Martius (*Glossaria*) traz singularmente *enduapé* tanga de plumas d'Ema.

YANDOUTIN (fl. 319) c'est à dire l'Au-truche blanche... constellation contenant quelques Estailles fort grandes & tres luyantes; & parce qu'elle en a plusieurs en forme d'un bec, les *Maragnans* feignent & disent qu'elle veut

manger deux autres Estoilles.—*Nhandutin*, de *nhandü* (Vide *Yandou*), e *tin* branco, conforme com o texto.— Deve ser a constellação dos Gemeos, que correspondia ao terceiro signo do zodiaco antes de ser deslocada pela precessão dos equinoxios, e que contém duas estrellas notaveis, Castor e Pollux, ás quaes deve a denominação. (Vide *Ouyra Oupia*).

YXPOUYKAN (fl. 318) Estoille qui se leve toujours devant le Soleil... c'est à dire Estoille assize en sa place. — Difficil de interpretar esta dicção, e só dubitativamente podemos explica-la, de accordo com a definição do texto, por *y* (demonstrativo: o que, aquelle que), *apy* sentar-se, estar assente, e *hequdb* logar d'elle: o que está assente no seu logar.— Talvez o planeta Venus, conforme á descripção do texto.

YAPYEUE (fl. 188 v.) village... qui signifie l'arbre de l'oyseau.— Será *japi-yba*, de *japi*, o Icteridas (*Cassicus cela*, Linn.), e *yba* arvore, como no texto se explica.

YARAMMACAROU (fl. 228) plante fort monstrueuse & bigearre, plus grosse beaucoup que la culsse, haute de dix ou douze pieds, ayât cinq ou six branches qui sont presque de mesme grosseur iusque au bout.— *Jaramacarú*, *Jamacarú*, ou *Mandacarú*, Cactacea (*Cereus peruvianus*, Mill.). — De *ya* (demonstrativo: o que tem), *má* por *yba* fructo, e *carú* comestivel: o que tem fructo comestivel, édulo.

YASEUH-POUYTON (fl. 320) Eclipse de la Lune... c'est à dire la nuit de la Lune.— *Jacy-pytúna*, com a significação do texto.

YASEUH TATA OUE (fl. 319) Estoille extrêmement brillante.— *Jacy-tatá-opé* estrella, ou lua, que allumia.

YÄSSATIN (fl. 318 v.) Constellation de sept Estoilles en forme d'un oiseau. — Talvez *Jabacatim*, que está em Gabriel Soares; nome antigo de uma ave da família Ciconidas.

YÄSSEUH (fl. 316 v.) la Lune. — *Jacy*, de *yá* fructo, e *cy* mãe: mãe dos fructos. — Na mythologia tupica a *Jacy* coube a missão de crear os vegetaes, ou os fructos. — Significa também mez.

YÄSSEUH-TATA (fl. 316 v.) les Estoilles en general. — *Jacy-tatá*, de *Jacy* (Vide o que precede), e *tatá* scintillante, estrella ou estrellas.

YÄSSEUHTATA OUÄSSOU (fl. 318) Estaille du jour. — *Jacy-tatá*, como no precedente, e *quaçú* grande.

YATA-VUA (fl. 225 v.) arbre. — *Jatahy* ou *Jatahyba*, nos autores antigos. Leguminosa (*Hymenaea courbaril*, Linn.). — De *y-ätä-yb*, arvore de agua dura, ou de resina. (Vide *Ioutay*). Segundo Martius (*Glossaria*): "E resina harum arborum Indi formant cylindros (*botoque*) ornamentum causa in labus et auriculis gestandos".

YÄUEBOUYRE (fl. 244 v.) poisson plat assez semblable à la Raye. — Será *Jabebyr*, nome generico das raias, que se explica por *y-apé-byr* o que tem pelle estufada, encroçada, empolada. — *Jabybyra*, no *Diccionario Portuguez e Brasiliano*, vem como *Raia* peixe.

YENDAY OUSSOU (fl. 233 v.) oyseau... espece de Perroquet. — *Janddia* ou *Nhanddia*, nome commun a Psittacidas do genero *Conurus*; com o designativo *açú* ou *uçú* não se conhece mais nenhum individuo na actual nomenclatura ornithologica vulgar. — De *nheé* falar, *ai* mal, ou muito, conforme Baptista Caetano.

YETEUCH (fl. 229) racine. — *Jetica*, a batata (*Batatas edulis*, De Cand.). — Thevet, nas *Singularitez*, escreveu *uetich*;

Léry *hetich*; Maregrav *getyca*. — De *yetic* a fineada, a enterrada.

YETINGUE (fl. 255 v.) especie de moucheron. — *Nhittinga*, em Gabriel Soares, que os descreve como "muito pequenos e da feição das moscas; os quaes não mordem, mas são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos das chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha nella, do que se vem muitas pessoas encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as indias que andam nús, mórmente quando andam sujas do seu costume." — Maregrav traz *tetinga*. — Difficil de explicar.

YNAIA (fl. 221 v.) palmier. — *Inajá*, a palmeira (*Maximiliana regia*, Mart.), assim chamada no Pará e Maranhão, e *Indaia* em outras regiões. — De *ini* rêde, maca, e tambem linha, o fio, e *yá* fructo: fructo de fio ou fibra, como é o côco dessa palmeira.

YNI (fl. 283) lit de cotton. — *Ini* rêde, maca.

YPOCHU IEROPARY (fl. 324) c'est à dire *Ieropary* est meschant. — *Ypochi Jurupari*, com a traducção do texto. — *Pochi*, além de máu, ruim, etc., significa tambem feio, sujo, immundo.



THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

OF THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION
500 5TH AVENUE
NEW YORK 17, N.Y.

II

TRECHOS TUPIS

Da *Histoire* de Abbeville são os trechos a seguir, que vão com traducção interlinear, em que, com indicação de folhas do livro de que proveem, dou na primeira linha o tupi do autor, na segunda o tupi restaurado á fôrma por que o grapharam portuguezes e espanhóes, e ultimamente a versão termo a termo. A traducção corrente vai após cada um, quando se faz necessaria, bem como algumas ligeiras notas, que julguei de utilidade juntar:

Fl. 99:

Eré loupé Pay, eréycobépé.
 Erê-júr pe Pay, ereicóbepé.
Tu viêste, Padre? estás tu bem?

Nota — Era esta a fôrma de saudação commum aos povos da familia tupi. Todos os escriptores fazem della menção.

Fl. III. v.:

Arobiar Toupan	Pay.	Arobiar Toupan	Touue,	Arobiar Toupan	Raheyre,
Arobiár Tupã	Pay.	Arobiár Tupã	Td̃ba,	Arobiár Tupã	Rayra,
<i>Creto em Deus</i>	<i>Padre.</i>	<i>Creto em Deus</i>	<i>Pae,</i>	<i>Creto em Deus</i>	<i>Filho,</i>

Arobiar Toupan	S. Esprit,	Chemolássouch	yépé	Pay.
Arobiár Tupã	Espirito Santo,	Che mbo-jaçuc	lepé	Pay.
<i>Creto em Deus</i>	<i>Espirito Santo,</i>	<i>Me fazer lavar</i>	<i>a mim</i>	<i>Padre.</i>

Nota — O verbo *jaçuc* significa lavar ou banhar; por extensão, e por necessidade da catechése, alcançou a accepção de baptisar.

Fl. 133, v.:

Pay omano,	omano Pay yman.
Pay omanô,	omanô Pay umán.
<i>O Padre morreu, morreu o Padre já.</i>	

Fl. 298:

Tapouytin	ypochu	scatéum	atoupaué.
Tapuytinga	ypuchi	cecatéyma	
<i>Inimigos brancos</i>	<i>máus</i>	<i>avarentos</i>	<i>.....</i>

Tradução corrente:

Os inimigos brancos (os ingleses, no caso) são máus e avarentos.

Nota — A dição *atoupaué*, além de indecifrável, não faz falta ao sentido da phrase, accôrde com a tradução franceza do texto.

Fl. 312:

Caraybes Osapoukay Teigné terre, terre. Euuac con Assoupigné.
 Carayba oçapucái tenhé terra, terra. Ybac úna çupl.
Francezes gritam debalde: terra, terra! Céu negro na verdade.

Tradução corrente:

Os francezes gritam debalde: terra! terra! na verdade é o céu negro.

Fl. 314, v.:

Alé catou,	Toupan	remimognan	lémognan	motar	ypotar,
Erê catú,	Tupã	remi-monhang	lemonhang	motar	potar'
<i>Tu dizes bem, Deus o que fazer fazer-se querer querer,</i>					

eum mé noroyco chuéne sésé.

eyma orocóchoéne cecé.

não não seremos contra.

Tradução corrente:

Tu dizes bem, Deus fez isso acontecer por seu muito querer, não seremos nós contra.

Nota — Na tradução franceza está o futuro *ferons* onde achámos *seremos*.

Fl. 317, v.:

Eycobé, cheramoin, goé, goé, goé.
 Ereicobé, che-r-amôl, gué, gué, gué.
Sê tu bem, meu avô oh! oh! oh!

Nota — Essas palavras que vêm bisadas no texto, são dirigidas à Lua, a modo de saudação.

Fl. 327, v.:

Bourouichauc de akan omano?
 Morubichába nde acanga omanô?
Chefe (general) tua cabeça morre?

Nota — A tradução francesa diz: *Avez vous mal à la teste?* A phrase tupi não corresponde realmente ao sentido, e é mal formulada. « Doer a cabeça » é *acanga-acy*, que deveria estar por *acanga-omanô*.

Fl. 341:

Eubouyh	iaré,	bé	angaturan	eté	erimahé	apouyãue	Bourouichauc
Yby	iára,	pé	angaturama	eté	erimbaé	apyába	Morubichába.
Terra	senhor,	vós	verdadeiramente	bom	quando	homens	Chefes

Kerembauc	mondolla	chérétan	apoupé	Pay oré	sepiac	yãnonde
Carimbába	mondó	che-retama	pupé	Pay oré	cepiac	yanonde
guerreiros	mandar	minha patria	a	Padres nos	ver	antes

oré moé	polar	Toupan	gnén ary,	oré pocsurum	apouimemouá
oré mboé	potár	Tupá	nheénga ari,	oré pycyron	apyá-memua
nos ensinar	querer	Deus	palavras de,	nos defender	homens máos

souy. Oré oroycô pererecoar etéramo: Couseignéum oroyco
 çui. Oré oroicô porerecuab eté-amô: Coecenhéim orolcô
contra. Nós estamos protegidos realmente agora. Nós eramos

leropary raheire amo oroioou racaé. Chépoutoupaue
 Jurupary rayra amô orojú racaé. Che putubábo
Diabo filhos lá longe vindo nós antes. Eu sentido

nerebouiroussou ressé nerepiac apouyãue opap catou
 ndere-yby-uçú recé nderepiáca apyába opáb catú
tua grande terra á tua vista homens todos bons

nereminboée secoremé Euhouyh touroussou vaé nelare
 uderemimboé cecóreme Yby turuçú baé nde-láre
teus discipulos fossemos terra grande melhor tu senhor

secoremé. Alé mommorla oussou derouaké ouytou
 cecóreme. Aê mboboyá uçú nderobaqué uitú
quando estiver. Elles fazer vassallos muito tua presença vindo eu

neréplac pota Toupan raheire coap pelaugné couseignéum
 nderepiác potár Tupã rayra coaub peyabê coecenhéim
te ver desejar Deus filho conhecer como vós agora

leropary raheire oroyco. Dé angatouran eté erimahé
 Jurupary rayra oroicó. Nde angaturama eté erimbaé
Diabo filhos somos. Tu verdadeiramente bom quando

apouyãue mondoñe cherétan à poupé Pay Toupan raheire
 apyába mondó che-retama pupé Pay-Tupã rayra
homens mandar minha patria á Deus filhos

eté oré sepiac yānondé: augé catou erimahé ycho
 etê oré cepiác yanondé: aujé catú erimbaé icó
verdadeiro nos ver antes: bastante bom quando isto

orétan apoupé nosoy telgné euāpo. Jecoāpauē
 oréretama pupé ndoçoi tenhé ebapó. Jecuábábo
nossa patria á não o foi de balde lá. Reconhecendo-o

amo oréouichaue oré boure-ocar perétan à poupé
 amō orérubichába oré mboúr-ucar perétama pupé
alguns nossos chefes nos fazer vir vossa patria á

de ressé lerourai deremimboy ary toroycon. Oroierourai
 nde recé jurújái nderemimboé ari oroicó. Orojurújái
te para admirar teus discipulos por isso somos. Nós admiramos

vê de ressé toieméhen apouyaue angatouran
 bê nde recé toimeéng apyába angaturama
tambem vi em para que dêem (dando) homens bons

oréretan por ary Pay temoésauē Toupan ressé iecatou
 oréretama-póra ari Pay temoécaba Tupã rece ecatú
nossa patria habitar em Padres doutrina Deus por bem

vae oré moésar ahé toyco, Kerembaue aué oré
 baé oré mboéçara oé tolcó, Carimbába aé oré
 melhor nossos mestres que o sejam, Guerreiros que, nos

poésuron iran toyco, opaccatou ché eubouypóre
 pycyrón irā tolcó, opacatú che yby-póra
 defender d'ora avante o sejam, todos meus terra habitantes

dereminboy amo secon, apoyáue Caraybé atouasáue coroyco.

nderemimboé amô cecóu, apyába Carayba atoaçaba orolcó.

teus discípulos agora são, homens brancos compadres nós somos.

Tradução corrente :

Senhor da terra, vós fostes verdadeiramente bom quando mandastes generaes e soldados á minha patria, justamente com os Padres, para nos ver antes de nos ensinar a palavra de Deus e nos defender contra os homens máus. Nós estamos protegidos realmente agora. Nós eramos filhos do Diabo lá longe antes de virmos. Eu lamento em tua grande terra e á tua vista não sermos todos bons discípulos. Terra grande e melhor quando tu lá fores. Elles se fazem vassallos muito em tua presença. Vindo eu te ver desejo os filhos de Deus conhecer como vós, agora filhos do Diabo somos. Tu foste verdadeiramente bom quando mandaste os homens á minha patria, filhos de Deus verdadeiro nos ver antes: bastante bom para nossa patria porque isso não foi baldado lá. Reconhecendo-o alguns dos nossos principaes nos fizeram vir á vossa patria para te admirar, teus discípulos por isso somos. Nós admiramos tambem em ti os homens bons que nos déste para habitar em nossa patria, os Padres que pela doutrina de Deus bem melhor que nossos mestres sejam, os guerreiros que nos defendam d'ora avante. Todos os meus patrícios teus discípulos são, dos Francezes compadres nós somos.

Nota — Este é o principal dos discursos contidos no livro d'Abbevillo. Foi recitado no palacio de Louvre, pelo indio Itapucú, perante Luiz XIII e a rainha regente Maria de Médicis.

O texto tupi não corresponde á traducção franceza que o acompanha. Esta diz-se-la materia absolutamente nova, se em um ou outro ponto não houvesse approximação de idéas. Aquelle contém evidentes falhas: certas phrases apparecem battologicamente, a pontuação é claudicante, tornando obscuro o sentido. O vocabulo *nderemimboé*, como occorre uma vez, ou *dereminboy*, como vem de outra, que traduzimos como «teus discípulos», de accordo com os radicacs tupis, mais conforme ao sentido seria «teus subditos» ou «vassallos» ou «amigos», como está na versão franceza. Nós é que, neste ponto, não nos julgamos com o direito de nos afastar do texto, que restauravamos e traduziamos.

Fl. 351 :

Cherékchure, ereleuray yässouc ary, n'assendoup
 Chere-kevira, erejurújái jaçúc ari, e-nheandúb
Meu irmão, tu me falas baptisar-te em, não consideras tu

catouy aypo yässouc ary depolapore amo sereco
 catuí aypó jaçúc ari nde-mopora amô ereicó
sufficientemente esse baptisar-se sobre tu obedecer agora estás

eum, deierou peignote moan erereco. Namaé miry
 eyma, nde jurú nhóte moanga ererecó. Nã mbaé mĩrim
não, tua bocca somente pensando tu estás. Mas cousa pouca

rəuhan Toupan rahcire auaiemognan. Ecoap conselgnéum
 ruã Tupã rayra abá-monhang. Ecuáb coecenhéim
não Deus filho homem se fazer. Pensa tu primeiramente

ressé deparapiti agouère. Erécoap raco apouyăue
 recê nde-porapiti guéra. Erecuáb racó apyába
em teu matar gente passado. Tu sabes realmente homens

éta louca sagoire; ereporou été recaé
 etá jucá agui; ereporú etê racaé
muitos matar por causa disso; tu devoraste muitos outr'óra

oreanan ary; couseignéum deangaypane amo ereyco.
 oré-anama ari; coecenhéim nde-angaypába amô ereicó.
nossos parentes de; antigamente teus crimes outro tu eras.

Nerecoăy pé cohu teon de ressé seco? Erecocatou
 Nherecuay-pe coy teón nde recé ecó? Er-ecocatu
Não sabes tu perto morte ti por está? Tu tens bem

demaé asseuch cohu, aycoăp catou Toupan cohu derereco catou.
 nde-mbaé acyc coy, aicuáb catú Tupã coy nde-erecó catú.
tua cousa má hoje, cu sei bem Deus hoje tu seres bom.

Traducção corrente :

Meu irmão, tu falas em te baptisares, não consideras sufficien-
 temente sobre esse baptisar-se, obedecendo não estás agora, por

tua bocca somente pensando estás. Mas cousa pouca não é o homem fazer-se filho de Deus. Pensa tu primeiramente em teus passados morticínios. Tu sabes realmente que muita gente mataste; devoraste outr'ora muitos dos nossos parentes; por teus crimes tu eras outro antigamente. Não sabes que perto de ti está a morte? Tu tens bem tua cousa má hoje, eu sei bem hoje que tu és bom para Deus.

Nota — Nesta objuratoria, ainda de Itapucú, a tradução franceza não está conforme com o original tupi. Este é um dos textos que menos difficuldades apresenta ao traductor.

Fl. 351, v. :

Conseignéum chéparapiti agouêre oar chérésapé
Coecenhéim che-porapiti guéra oár che-r-çá-pe
Agora meu matar gente passado cde meus olhos diante

cohu aué ramehen tapity areco, sesé aymohuron
coy abé ranhê tapiti arecó, cecé aymonhyrô
hoje e entretanto matanças eu tenho, por isso eu me zango.

Agné teon chérèssé yáry aypotar. Noypotarpé Toupan
Aé teón che-recé ari aipotár. Noipotár-pe Tupã
Que morte me por causa de eu quero. Elle não quer Deus

chèreon eum cherétan ouychoue miêué, ahéménéché
che-reón eyrna cheretama guichôbo eymebe, aememé-che
minha morte sem minha patria indo eu antes, elles a mim

éuapo ouychoue chéanan mongetaue maéporan agouêre
ebapô guichôbo che-anama monguetibo moxé porang guéra
lá indo eu meus parentes fazendo cousa bella passada

sepiac royré eymonbeouäue apouyäue apé taue ioupy mo.
epiäc royré nhembocaba apyäba abé tiba rupi
ver depois aprendidas homens tambem alçei em.

Toupan ypotareum naypotar: ahé chèreon motarmé
Tupã ypotáreyma naipotár: aé che-reón motár-me
Deus não querendo não eu quero: elle minha morte se quizer

aypotar catou, ouãhure chérécórémé yássouch rare royré.
 alpótar caté, guyú cherecoreme jácú-ara royré.
eu quero bem, vindo me quando vier baptismo depois.

Tradução corrente:

Agora meus passados morticínios caem diante de meus olhos: entretanto eu tenho praticado matanças e por isso zango-me. Que a morte por minha causa eu quero. Deus não quer minha morte sem que eu volte á minha patria, elles commigo lá indo eu e fazendo meus parentes verem as bellas cousas passadas finalmente, ensinando tambem aos homens na aldeia. Deus não quer, eu não quero: se elle quizer minha morte, eu quero muito depois vindo quando vier o baptismo.

Nota — O que dissemos em nota anterior se applica a este tropo. Ha, por demais, repetições que difficultam a traducção. No passo onde está «elles commigo lá indo» ha obscuridade de sentido, porque não se sabe o sujeito da oração «elles» a quem se refere. Entretanto, é conforme está no texto tupi.

Fl. 353:

Maeté tecatou Toupan raheire assérécol Aycoáp colu
 Mbaé-eté tecatú Tupã rayra arecôl Aicuáb coy
Cousa bella mesmo Deus filho serl Eu Sei hoje

Ieropary raheire chéréco royré, soupicatou seran
 Jurupary rayra che-ecô royré, çupicatú eráin
abo filho eu ter sido finalmente, por isso ha de ser

oüinbaue oüyramemoã booure ocar yénondé chemoãr
 gulábo guyrá-memuã mboúr-ucár yanondé che-mbo-ar
nascendo eu passaro mau fazer vir antes me fazer tomar

chémomemoãmé ouãhure moã chérécórémé.
 che-mbo-mame ogaguyra moã che cecóreme.
me fazer descahir sombra abrigar onde quer que eu esteja.

Ouyássouch royré ouyratin ouur chéué
 Guyacúca royré guyrá-tinga ouir chebe
Baptizando-me finalmente passaro branco elle vem para mim

Toupan raheire aycon né.
 Tupã rayra aicóne.
Deus filho eu serei.

Tradução corrente:

Bella cousa mesmo ser filho de Deus! Eu sei hoje finalmente ter sido filho do Diabo, ha de ser por isso que antes em nascendo eu o passaro máu vem tomar-me, faz-me descair e abrigar á sombra onde quer que esteja. Baptizando-me finalmente o passaro branco vem para mim. Filho de Deus eu serei.

Nota — A tradução franceza tem «oiseaux noirs», onde achámos passaro máu, ave chocarrolra; «un très-bel oiseau blanc», onde lomos simplesmente passaro branco. Ha outras enxertias, visando quizá dar mais elegancia ás phrasas, mas em detrimento da fidelidade do texto.

Fl. 357 :

Crussa chépopé secoremé ouyieuo crussaue tooure
 Curuçá che pupé cecóreme gui jemocuruçabo tour
Cruz commigo tiver eu me benzendo elles venham

leropary oycoue aermé, nassequêe chouêne ichouy.
 Jurupary oicou aéreme, naçakijê-choéne ichui.
Diabos juntos então, eu não temerei delles.

Tradução corrente:

Emquanto eu tiver a cruz commigo, eu me benzendo, venham os Diabos juntos então, eu os não temerei.

Fl. 357, v. :

An an Pay goé, ché osso potar Euuacpé sepiac Toupan
 Aán aán Pay gué, che oçó potár ybac-pe eplác Tupã
Não não Padre oh! eu vou querer céu ao ver Deus

Touuc,	Toupan	Raheire,	Toupan	Saint-Esprit.
Tüba,	Tupã	[Rayra,	Tupã	Espirito-Santo.
Pae,	Deus	Filho,	Deus	Espirito-San'õ.

Tradução corrente:

Não, não, oh! Padre, eu quero ir para o Céu ver Deus Pae
Deus Filho, Deus Espirito-Santo.

